

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MOISÉS MANIR SARQUIZ

A PRÁTICA EDUCATIVA DE VALORES HUMANOS UNIVERSAIS
ATRAVÉS DO ENSINO RELIGIOSO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES
DO ENSINO FUNDAMENTAL

São Leopoldo

2011

MOISÉS MANIR SARQUIZ

A PRÁTICA EDUCATIVA DE VALORES HUMANOS UNIVERSAIS
ATRAVÉS DO ENSINO RELIGIOSO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude

Orientador: Prof. Dr. Remí Klein

Segunda Avaliadora: Prof^a Dra. Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S246p Sarquiz, Moisés Manir

A prática educativa de valores humanos universais através do ensino religioso com crianças e adolescentes do ensino fundamental / Moisés Manir Sarquiz ; orientador Remi Klein. – São Leopoldo : EST/PPG, 2011.

105 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2011.

1. Valores – Estudo e ensino. 2. Educação moral – Estudo e ensino. 3. Ensino religioso (Ensino fundamental). I. Klein, Remi. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MOISÉS MANIR SARQUIZ

A PRÁTICA EDUCATIVA DE VALORES HUMANOS UNIVERSAIS
ATRAVÉS DO ENSINO RELIGIOSO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES
DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude

Data:

Remí Klein – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia

Laude Erandi Brandenburg – Doutora em Teologia – Escola Superior de Teologia

RESUMO

O ensino de valores universais na prática educacional apresenta um grande desafio para o sistema educacional como um todo nos dias atuais. Este trabalho se propõe, de forma exploratória, a apresentar o tema sobre os valores universais humanos em sua natureza teórica elucidativamente e expor como estes valores podem ser abordados durante as aulas de Ensino Religioso, através de uma proposta inter-religiosa para alunos do Ensino Fundamental tanto de escolas públicas quanto de escolas particulares. A sua primeira parte aborda a natureza dos diferentes valores universais, vivenciados pela humanidade, de forma clássica, por diversos autores, com ênfase nos valores de definição absoluta e eterna. A segunda parte trata da conceituação dos diferentes valores humanos no decorrer da história por diversos filósofos gregos e pelos principais teólogos da igreja cristã. Além disso, requisita o pensamento dos filósofos modernos e de educadores da modernidade. A exploração teórica destes inúmeros autores possibilita oferecer uma ideia clara e distinta da evolução e da influência dos valores universais, tanto os de ordem civil, quanto os espirituais, considerados e vivenciados em sua cultura pela humanidade no decorrer dos milênios. Intenta também projetar o futuro no que diz respeito à tendência da educação para o século XXI. A terceira parte aborda a aplicação dos valores humanos universais em códigos e leis, sendo interessante notar o uso e a influência da questão da espiritualidade para a sua organização e a sua vida social. A quarta parte finaliza a exploração, abordando aspectos concernentes à prática pedagógica ideal para a aplicação do ensino de valores para crianças e adolescentes do Ensino Fundamental e com objetivo definido a ser alcançado, considerando alguns fatores como conteúdo, abordagem e postura do educador no momento do processo de ensino-aprendizagem. Em seguida, o texto relata duas experiências vivenciadas pelo autor no que tange ao ensino de valores universais para crianças e adolescentes. O estudo finaliza apresentando uma pesquisa com 5.160 alunos de instituições de Ensino Médio da Grande São Paulo.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Crianças. Adolescentes. Valores Humanos Universais.

ABSTRACT

The teaching of universal values in educational practice today represents a major challenge for the educational system in general. This exploratory study proposes to present the theme of universal human values in their theoretical nature and to expose how these values can be presented in Religious Education classes, through an inter-religious proposal for elementary school students from public and private schools. The first part discusses the nature of different universal values lived by humanity, in a classical way, by several authors, with emphasis on absolute and eternal values. The second part presents the concepts of different human values throughout history by various Greek philosophers as well as the main theologians of the Christian Church. Besides, it requests the thought of philosophers and educators of modernity. The theoretical exploration of many of these authors turns possible to offer a clear and distinct idea of the evolution and influence of universal values both of civil and spiritual order considered and experienced in the culture by humanity over millenniums. It also intends to design the future concerning to the tendency of education for the twenty-first century. The third part presents the application of universal human values in codes and laws, noticing the use and influence of the spirituality to human organization and social life. The fourth part concludes the exploration presenting issues concerning pedagogical ideal practice for the application of teaching values to children and adolescents of elementary school and, with the object defined in order to be reached, considering some factors as content, approach and attitude of the teacher during the teaching-learning process. Then the study reports two experiences lived by the author concerning to the teaching of universal values for children and adolescents. The study ends presenting a survey with 5,160 students from high schools in the Greater São Paulo.

Keywords: Religious Education. Children. Adolescents. Universal Humans Values.

É uma ilusão crer que, melhorando a sociedade, melhora-se o homem. A salvação dos problemas humanos, não começa no bolso, nem no estômago ou na cabeça, mas no coração. O mundo só melhora, transformando-se o homem.

Leonardo Boff

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 DEFINIÇÃO DA NATUREZA DOS VALORES.....	17
1.1 Valores de definição abstrata	17
1.2 Valores de definição absoluta e eterna	18
1.3 Valores de definição transitória	19
1.4 Valores de definição objetiva	19
1.5 Valores de definição subjetiva.....	20
2 CONCEITOS DE VALORES HUMANOS UNIVERSAIS LEGADOS À HISTÓRIA	21
2.1 Conceito dos filósofos gregos: Sócrates, Platão e Aristóteles	21
2.2 Conceito de Prudêncio, Agostinho, Tomás de Aquino e pensadores protestantes	23
2.3 Conceito filosófico moderno – Maquiavel, Espinosa, Montesquieu, Rousseau e Kant.....	24
2.4 Conceito do pensamento pós-moderno de valores para a humanidade no século XXI ...	26
3 OS VALORES UNIVERSAIS DA HUMANIDADE APRESENTADOS EM CÓDIGOS, LEIS E PREMISSAS TEXTUAIS.....	31
3.1 Os principais códigos e leis da humanidade oriundos dos seus valores universais....	31
3.2 A questão do texto bíblico-teológico que retrata o valor humano maior — o amor	36
3.3 A necessidade humana de produzir códigos de valores espirituais e sociais para a cidadania e a vida na Polis inerente.....	38
4 A PRÁTICA EDUCATIVA DE VALORES UNIVERSAIS ATRAVÉS DO ENSINO RELIGIOSO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	43
4.1 O desenvolvimento da axioprxia espiritual	45
4.2 “Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros, aprender a ser” para alunos do Ensino Fundamental.....	47
4.3 Relato de duas experiências vivenciadas com projetos no ensino de valores	52
4.3.1 Projeto Escudeiros	53
4.3.2 Projeto Educando com Esperança	54
4.4 Análise comparativa da pesquisa de opinião: Valores dos jovens de São Paulo.....	56
4.4.1 Ciência e Sociedade	57
4.4.2 Religião	58
4.4.3 Instituições religiosas: Grau de Confiança.....	59
4.4.4 Instituições Religiosas: Grau de Influência	59
4.4.5 Influência Docente.....	60
4.4.6 Influência dos pais.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS	67
ANEXO A – PROJETO ESCUDEIROS	73
ANEXO B – PROJETO ESPIRITUAL EDUCANDO COM ESPERANÇA.....	93

INTRODUÇÃO

A educação foi sempre alvo de preocupação do ser humano, tanto por sua extrema necessidade de alcançar seus objetivos quanto por viver as suas utopias. Isso se acentua ainda mais hoje, nos tempos pós-modernos, onde a mídia associada à tecnologia trava uma luta desigual com a educação, impondo seus valores consumistas, imediatistas e uma cultura de violência generalizada, produzindo seres humanos alienados e excluindo de si a prática das virtudes sociais e culturais estabelecidas. Enquanto isto ocorre diurnamente, a preocupação dos educadores se concentra explicitamente em lamentar e discutir a qualidade e a quantidade destes valores materialistas. Em consequência, esquece-se o objeto primordial da sua prática educativa e a sua missão em reforçar e reconstruir os valores humanos universais formativos da *persona* em contrapartida em seu esboço curricular.

Ao tratar desse tema, de ajuste situacional humano e curricular, Silva¹ faz uma pergunta que estabelece o norte quando diz: “Qual é o tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade?”. Com essa indagação, Silva quer dizer que o centro das atenções é o ser humano. O ser humano é a matéria-prima do processo educativo. O ser humano é o personagem principal, e o conteúdo é o seu coadjuvante. O ser humano não pode ficar à margem, esquecido, sofrendo as dores provocadas por valores desumanos. Ele é o motivo de existir a pedagogia. Por outro lado, a realidade dos fatos é que o ser humano e, em consequência, a educação estão corrompidos. É preciso pensar, refletir profundamente e, ainda antes de qualquer coisa, responder: Que ser humano se pretende constituir ou formar, já que não se deseja o que ele é e tem a oferecer agora? Em resultado a tal situação (educacional e conseqüentemente social), vive-se uma crise e um sentimento de perda frente ao quadro atual, ainda mais se fizermos comparações com gerações anteriores. A este respeito é comum e quase natural ouvir queixas e lamentações do tipo: “O que está acontecendo com as crianças hoje em dia?” Ou ainda: “Não se ensina mais a ter respeito na escola?”

¹ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 15.

A crise se estabelece não de forma retórica, mas no seu sentido etimológico — *krisis* do grego, ou do latim *crisis* — que significa dúvida, incerteza, expectativa quanto ao futuro. Entretanto, ao mesmo tempo em que esta ‘crise’ se estabelece, surge um raio de esperança, de oportunidade, de mudança. Não necessariamente, esta perda continuará sendo perda, se, ao mesmo tempo, houver um despertar que, no dizer de Paulo Freire, se preconiza não em incertezas e incapacidades, mas em luta e movimento em prol da solução: “Não é, porém, a esperança de cruzar os braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero”.² Também sobre isto Freire declara que “a esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto”.³ A esperança reina e vive por si dentro do ser humano. A esperança é uma utopia nata do universo simbólico do ser humano; este, por sua vez, deve tomá-la como arma de resistência na luta educacional contra valores negativos, antinaturais e desumanos à sua coletividade e à sua cultura.

Desta maneira, este trabalho propõe-se a apresentar de forma exploratória textos bibliográficos de autores especialistas como Assmann, Freire, Delors, Gadotti, Moreno, Empinotti, Erikson, Morin, Bauman, Maslow, além de outros mais. Postos em diálogo, estes autores destacam o ensino de valores como motivo de transformação e de esperança para uma sociedade mais justa e humana.

Quanto à estrutura do trabalho, seguirá da seguinte maneira: No primeiro capítulo, será realizado um levantamento quanto à natureza dos valores e das virtudes humanas universais, destacando conceitos filosóficos e a sua gênese histórica e, em conjunto, projetando a sua demanda de aplicação na educação e na formação da criança e da juventude. O segundo capítulo fará uma exposição da necessidade humana em identificar, catalogar e apresentar os seus valores em forma de leis, códigos e premissas textuais quer sejam eles de ordem civil laica ou espiritual, de forma direta e indireta, seguido de comentários e análises pertinentes ao processo educacional. O terceiro capítulo irá expor como os valores universais – civis e religiosos – podem ser inseridos à prática educativa no conteúdo do Ensino Religioso e de forma inter-religiosa para alunos do Ensino Fundamental, tanto de

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 97.

³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 72.

escolas públicas quanto de escolas confessionais. No quarto capítulo, por sua vez, serão apresentadas duas experiências com o ensino de valores em sala de aula com o objetivo de ilustrar e fundamentar as ações sugeridas.

É importante dizer que este trabalho não pretende resolver a questão da crise de valores humanos vivida pela educação e pela sociedade na atualidade. Contudo, pretende compreender as suas causas e contribuir com sugestões e ideias inovadoras para uma reação à crise estabelecida e imposta pela cultura pós-moderna e que, nestas ações, ou mesmo que num ato utópico, resgatem o real significado da palavra “educar”; afinal, educar é transformar e transformar é encher meninos e meninas, moças e moços de esperança. Nesta questão, Assmann e Sung asseguram e confirmam:

Quando desejamos o mundo assim, produzimos e passamos a viver dentro de um horizonte de esperança e de utopia. Utopia no sentido de desejar e de “ver” um mundo, um lugar, “topos”, que ainda não existe e que talvez nunca venha a existir, mas que dá um sentido às ações que nascem do nosso desejo de um mundo melhor. Este horizonte de utopia e de esperança nasce juntamente com este desejo de vivenciar a sensibilidade solidária para além das relações pessoais, ou em um pequeno grupo, o desejo de que toda a sociedade, toda a realidade seja invadida e “grávida” desta solidariedade mais genuína. E é este horizonte utópico que alimenta este desejo e dá sentido a esta sensibilidade solidária.⁴

⁴ ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 134.

1 DEFINIÇÃO DA NATUREZA DOS VALORES

Segundo Kneller, “o estudo geral dos valores tem o nome de axiologia”.⁵ Para Antunes, “os valores são os alicerces da humanidade, a essência da preservação da espécie e o ‘alimento’ que integra e faz prosperar os grupos sociais”.⁶ Os valores poderão apresentar-se de diferentes tipos, os quais serão vistos a seguir.

1.1 VALORES DE DEFINIÇÃO ABSTRATA

A definição de valores humanos é bem complexa e tremendamente discutida no meio acadêmico de forma filosófica. Um valor pode ser puramente abstrato, mas, ao mesmo tempo, imprescindível para organizar e dar sentido à vida. Monteiro Lobato traduz muito bem este sentido, quando menciona um breve diálogo entre os personagens das suas fábulas:

— Só acredito no que vejo com meus olhos, cheiro com meu nariz, pego com minhas mãos ou provo com a ponta da minha língua, dizem os adultos — mas não é verdade. Eles acreditam em mil coisas que seus olhos não veem, nem o nariz cheira, nem os ouvidos ouvem, nem as mãos pegam. — Deus, por exemplo — disse Narizinho — todos creem em Deus e ninguém anda a pegá-lo, a cheirá-lo, a apalpá-lo. — Exatamente, e ainda acreditam na Justiça, na Civilização, na Bondade, em mil coisas invisíveis, incheiráveis, impegáveis, sem som e sem gosto. De modo que, se as coisas do Mundo da Fábula não existem, então também não existem nem Deus, nem a Justiça, nem a bondade, nem a civilização — nem todas as coisas abstratas. Eu sei o que quer dizer ‘abstrato’ — disse Emília — é tudo quanto a gente não vê, nem cheira, nem ouve, nem prova, nem pega — mas sente que há.⁷

Em continuação, declara May:

[...] um valor é algo que se considera desejável, que justifica nossas ações e funciona como horizonte para organizar a vida. Entretanto não existe unanimidade sobre o seu conteúdo e prioridade, mesmo em se tratando de um mesmo valor.⁸

⁵ KNELLER, George F. *Introdução à filosofia da educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971. p. 25.

⁶ ANTUNES, Celso. *Por que ensinar valores?* 01 jun. 2004. Disponível em: <http://www.celsoantunes.com.br/pt/textos_exibir.php?tipo=TEXTOS&id=11>. Acesso em: 23 out. 2011.

⁷ LOBATO, Monteiro. A cartilha do Polegar. *Obras completas*. São Paulo: Brasiliense, [s.d.]. v. 4. p. 361.

⁸ MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução a ética cristã*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 78.

Ainda May, a este respeito, destaca oito definições abstratas sobre valores:

Dessa forma, podemos dizer que um valor é: 1) um complexo de ideias, imagens e símbolos; 2) impossível de ser definido com exatidão e unanimidade; 3) entendido como necessário para se viver corretamente (moralmente) e promover positivamente a vida humana; 4) que funciona como “guia” e, ao mesmo tempo, como “ferramenta” para forjar a vida; 5) está enraizado nas necessidades físicas, sociais e psíquicas; 6) é produzido socialmente. Não obstante, 7) integra o universo simbólico e, assim, 8) assume uma dimensão transcendente e obrigatória.⁹

Tais definições, apesar de serem abstratas, esclarecem que os valores universais vividos socialmente possuem poder: poder de orientar e de tomar uma decisão; poder de construir e ordenar uma comunidade; poder de se fazer sentir pela força da sua tradição histórica em que incorporou a sabedoria de caráter transcendente e espiritual; poder por representar o imaginário simbólico do ser humano de ordem e de justiça e de toda uma cultura.

1.2 VALORES DE DEFINIÇÃO ABSOLUTA E ETERNA

Estes valores absolutos e eternos são, por sua natureza, universais, uma vez que são compartilhados com toda a humanidade indistintamente. Conforme Kneller,

São valores constantes. Derivam do caráter do mundo e são um reflexo da própria realidade. Não mudam de geração para geração ou de sociedade para sociedade; em sua essência, permanecem constantes para sempre. O que para nós é hoje errado era-o também para os nossos predecessores de há mil anos.¹⁰

Existe também um valor sobre o valor citado por Empinotti quando diz: “A vida já é o valor por excelência, valor que encerra um manancial de valores”.¹¹ De fato, se a vida não existisse, não haveria onde se depositar os valores. Por esta razão e em opção à vida, cada indivíduo torna-se um receptor e um transmissor de valores pró-vida. Nesse sentido, a vida torna-se vívida e propaga a felicidade de se viver, tanto que, ao se extinguir, deixará como herança a esperança. Ainda há outro axioma, que remete à fonte (ser humano) dos valores universais. Nessa direção, Beust declara, de forma simples, porém profunda: “É importante perceber, porém,

⁹ MAY, 2008, p. 78.

¹⁰ KNELLER, 1971, p. 26.

¹¹ EMPINOTTI, Moacyr Caetano. *Os valores a serviço da pessoa humana*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 63.

que tanto os valores humanos quanto os valores desumanos são todos humanos”.¹² Em outras palavras, os valores, sendo bons ou maus, positivos ou negativos, são produto do humano para o humano. É possível o humano ser vítima da sua própria criação. Por outro lado, para obtenção do êxito, deve-se seguir a vida de forma natural, uma vez que a vida requer apenas a vida para ser vivida de forma harmônica e com felicidade. Quando se insinuam outras direções de forma racional e antinatural, em direção oposta àquelas estruturas naturais e seus valores humanos, surgem o desequilíbrio e, automaticamente, os valores desumanos.

1.3 VALORES DE DEFINIÇÃO TRANSITÓRIA

Kneller explica que os valores de ordem transitória são idealizados para um grupo em particular ou para um momento exclusivo. Posteriormente, estes valores deixam de ser valores, tanto pela sua relatividade quanto pela sua necessidade e temporalidade.

[...] são reações às necessidades imediatas do homem. [...] surgem no decorrer das experiências diárias do homem. São-lhe relativas e pessoais. Portanto estes valores estão sempre sujeitos a revisão. Em geral são mais sociais do que individuais. Foram formulados empiricamente e comprovados publicamente a fim de obterem a aprovação de um grupo informado.¹³

A aplicação e a vivência destes valores de definição transitória são bastante comuns em eventos esportivos, festividades, agremiações e em códigos de ética.

1.4 VALORES DE DEFINIÇÃO OBJETIVA

Por outro lado, existe a necessidade da objetividade dos valores na vida do ser humano, sendo este temporal e material. Ao tratar desse tema, Schneider enfatiza de forma bastante direta e clara que “poderíamos afirmar, pois, que valor é tudo aquilo que responde a uma necessidade básica, fundamental de vida humana”.¹⁴ Em outras palavras, o ser humano possui uma necessidade de se construir com valores que lhe são oriundos da sua própria essência. Neste ponto, Kneller concorda com Schneider dizendo,

¹² BEUST, Luis H. O valor dos valores na educação. *Revista Diálogo*, São Paulo, ano X, n. 37, p. 14-18, fev. 2005. p. 15.

¹³ KNELLER, 1971, p. 27.

¹⁴ SCHNEIDER, Alberto Atalíbio. Valores e contravalores da juventude. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v.15, fasc. 69, p. 8-29,1985. p. 9.

Os valores objetivos existem independentemente dos sentimentos e desejos pessoais do homem. São cósmicos no caráter e podem ser considerados como derivantes da própria natureza do universo. [...] Provocam uma reação apreciativa de nossa parte, sem atender aos nossos desejos individuais. Neste critério, a educação ou a aprendizagem constitui um valor objetivo, um bem em si mesmo, não dependendo de recompensas monetárias ou lucros pessoais.¹⁵

1.5 VALORES DE DEFINIÇÃO SUBJETIVA

Por sua vez, Beust qualifica a sua definição sobre valores universais dos seres humanos dizendo que tais valores emanam do seu desejo subjetivo:

Podemos entender por valores, ou princípios, aquelas ideias e conceitos que servem como referenciais ideais que norteiam atitudes, sentimentos, raciocínios, entendimentos e decisões dos seres humanos. Indivíduos e sociedades elaboram as suas vidas com base em valores e princípios.¹⁶

Concretizando, Kneller coloca da seguinte maneira:

Os valores subjetivos, por outro lado, relacionam-se com o desejo pessoal, que confere valor ao objeto examinado. Avaliar algo significa desejá-lo. Acreditamos que é bom, simplesmente porque desejamos. Os valores subjetivos são de criação humana, variando de acordo com o homem e as circunstâncias.¹⁷

Os valores são apresentados ou se apresentam não só coletivamente, mas principalmente individualmente. O indivíduo é o objeto central e primordial de onde deverão fluir e residir os valores de toda a coletividade, tanto éticos quanto morais. Os valores universais sendo abstratos, eternos, transitórios, objetivos ou subjetivos são todos valores e eles irão, nesta sua diversidade de afinidades, estabelecer-se em qualquer lugar onde se acharem necessários. É notório que as constantes mudanças destes tempos pós-modernos fazem migrar o indivíduo e a coletividade de uma para outra situação, alterando assim a sua definição e o seu *status*. No dizer de Carrel, “[...] deve o homem regular os seus atos segundo a estrutura das coisas que o rodeiam, e segundo a estrutura do seu próprio corpo e da sua alma”,¹⁸ desde que o faça de modo consciente.

¹⁵ KNELLER, 1971, p. 26.

¹⁶ BEUST, 2005, p. 14.

¹⁷ KNELLER, 1971, p. 26.

¹⁸ CARREL, Alexis. *O homem perante a vida*. Porto: Educação Nacional, 1950. p. 82.

2 CONCEITOS DE VALORES HUMANOS UNIVERSAIS LEGADOS À HISTÓRIA

2.1 CONCEITO DOS FILÓSOFOS GREGOS: SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES

Os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles, bem como também os demais que seguiram a suas premissas e as suas linhas de raciocínio, não utilizam o termo valor, mas um homônimo chamado de virtude. Virtude nada mais é do que o resultado do valor colocado em prática, ou seja, no dizer de Empinotti, é a “expressão do valor”.¹⁹ Os filósofos não o mencionam, talvez, pelo fato do termo não possuir na época a conotação simbólica atual. Assim, não se pode descartar o termo “virtude,” negando-o de ser um valor, uma vez que se está lidando com reflexões filosóficas bastante antigas, isto é, de mais de 2.400 anos! Nesse ponto, Demo indica que: “Nenhum povo tem a mesma cultura do outro, assim como não existem pontos de vista idênticos, ainda que, da ótica formal, seja sempre catar recorrências”.²⁰ Nessa linha de raciocínio, o Catecismo da Igreja Católica define a virtude como a prática do que é bom e no que tende ao bem. Dessa forma, indica claramente que virtude é a prática de valores:

A virtude é uma disposição habitual e firme para fazer o bem. Permite à pessoa não só praticar atos bons, mas dar o melhor de si. Com todas as suas forças sensíveis e espirituais, a pessoa virtuosa tende ao bem, procura-o e escolhe-o na prática. [...] Pessoa virtuosa é aquela que livremente pratica o bem.²¹

La Taille sugere uma explicação sobre a dinâmica da ética, dos valores e das virtudes, quando diz

[...] freqüentemente para conseguirmos cumprir nossos deveres éticos, precisamos de disposições de caráter que pressupõem o cultivo das virtudes. Por exemplo, para ser justo, é preciso às vezes ser corajoso; para dialogar. É preciso ser humilde (do contrário nem se ouve o que o interlocutor tem a dizer), para ser solidário é preciso ser generoso, e assim por diante.²²

¹⁹ EMPINOTTI, 1994, p. 99.

²⁰ DEMO, Pedro. *Habilidades e competências: no século XXI*. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 8.

²¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: *Edição típica vaticana*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 485-486.

²² LA TAILLE, Yves de. Ética: direitos, deveres e virtudes. *Revista Pátio*, Porto Alegre, ano 4, n. 13, p.7-10, maio/jun. 2000. p. 9.

Em outras palavras, La Taille quer dizer que a ética promove, invoca o dever do valor. Então, a virtude o executa de forma a realizar seu objetivo, que, para Maslow, seria o “puxar para a ação”.²³ A apresentação conceitual de Platão (428-347 a.C.) é semelhante à de Sócrates (470-399 a.C.), visto ser ele seu discípulo e sucessor:

Os filósofos Sócrates e Platão podem ser vistos em conjunto, pois para eles o tema da virtude tem igual sentido. Para ambos, a virtude origina-se a partir do conhecimento da verdade, e o vício resultava da ignorância. Por este motivo, a virtude e o conhecimento devem ser buscados em toda existência humana.²⁴

Incrementando um pouco mais e concretizando o que o seu mestre Sócrates lhe havia ensinado, Platão

[...] divide as suas virtudes de acordo com os grupos e funções sociais: a virtude da prudência, ou sabedoria, pertence aos dirigentes da cidade; a coragem e a força pertencem aos envolvidos com o exército, e a temperança e a moderação, é a característica dos trabalhadores. A justiça seria a virtude responsável pela harmonização das outras virtudes no meio social, um ornamento das três primeiras, guiado pela razão.²⁵

Ainda para Platão, segundo Carrel, “a sabedoria era justamente considerada como a principal de todas as outras virtudes”.²⁶ Já Aristóteles (384-322 a.C), por sua vez, separa, caracteriza e classifica, ao formular o seu conceito sobre os valores (virtudes) que deveriam ser vivenciados pelos seus compatriotas naquele tempo e naquela situação cultural:

Para Aristóteles, a virtude está relacionada com a função de cada pessoa na sociedade. [...] Existe uma virtude específica para a mulher (o silêncio e descrição), para a criança (a aptidão para o aprendizado), para o escravo (a obediência servil) e, por fim, para o homem, cidadão livre, a virtude é o exercício do senhorio e da inteligência, que deve ser utilizada na vida política, para onde tudo deve convergir.²⁷

Desta forma, os principais filósofos da antiguidade lançaram seus conceitos e se preocuparam em ordená-los, de modo a ficar bem explícito às suas

²³ MASLOW, Abraham H. *Introdução à psicologia do ser*. 2. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, [s.d.]. p. 102.

²⁴ MATOS, Giraldo Mauro de. Virtude. In: BORTOLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 1028-1030. p. 1028.

²⁵ MATOS, 2008, p.1029.

²⁶ CARREL, 1950, p. 139.

²⁷ MATOS, 2008, p. 1029.

comunidades a necessidade da vivência de tais e tais valores, sendo eles de ordem familiar ou sociais.

2.2 CONCEITO DE PRUDÊNCIO, AGOSTINHO, TOMÁS DE AQUINO E PENSADORES PROTESTANTES

O escritor latino cristão Prudêncio (348-410), em sua obra *Psicomaquia*, invoca em seus versos uma luta alegórica entre os sete vícios e as sete virtudes retratando alguns conceitos semelhantes aos dos filósofos gregos, sendo eles:

Castidade (latim: *castitas*) — opõe luxúria. Auto-satisfação, simplicidade. Abraçar a moral de si próprio e alcançar a pureza de pensamento através de educação e melhorias. Generosidade (latim: *liberalitas*) — opõe avareza. Desprendimento, largueza. Dar sem esperar receber, uma notabilidade de pensamentos ou ações. Temperança (latim: *temperantia*) — opõe gula. Auto-controle, moderação, temperança. Constante demonstração de uma prática de abstenção. Diligência (latim: *diligentia*) — opõe preguiça. Presteza, ética, decisão, concisão e objetividade. Ações e trabalhos integrados com a própria fé. Paciência (latim: *patientia*) — opõe ira. Serenidade, paz. Resistência a influências externas e moderação da própria vontade. Caridade (latim: *humanitas*) — opõe inveja. Auto-satisfação. Compaixão, amizade e simpatia sem causar prejuízos. Humildade (latim: *humilitas*) — opõe soberba. Modéstia. Comportamento de total respeito a Deus e em segundo lugar ao próximo.²⁸

Em sequência, Agostinho (354-430) estabelece de forma inteligente o seu conceito de valores (virtudes) sobre os alicerces da concepção platônica vivenciada e conhecida pela cultura greco-romana. Ele adiciona novos elementos cristãos, de seguinte maneira:

No período Medieval, a Igreja Cristã, sobretudo na figura de Agostinho, reinterpretou o conceito de virtude em relação às atribuições filosóficas, desdobrando-o no que veio a se chamar de as sete virtudes cardeais. Do latim *cardo*, cardeal significa dobradiça, eixo em torno do qual algo gira. Virtudes cardeais são aquelas das quais outras dependem. Na filosofia de Platão eram a Prudência, a Justiça, a Força e a Temperança. Somam-se a estas as virtudes teológicas, que são a fé, a esperança e o amor (I Co 13. 13), sendo que o amor é visto como a primeira das virtudes, originária e controladora de todas as demais.²⁹

Por sua vez, Tomás de Aquino (1225-1274) seguiu o seu antecessor Agostinho e procurou dar ênfase no ensino de forma mais contundente: “Tomás de Aquino (1225-1274) trabalhou muito o tema das virtudes. Ele seguiu o pensamento

²⁸ SETE Virtudes. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sete_virtudes>. Acesso em: 21 out. 2011.

²⁹ MATOS, 2008, p. 1028.

grego, integrou as ‘virtudes cardinais’ nas ‘virtudes teologais’: fé, esperança e amor”.³⁰ Ou seja, as virtudes (valores) como a prudência, a justiça, a força e a temperança, idealizadas pelos filósofos gregos, são práticas para o ser humano viver em paz consigo mesmo e com o seu próximo. Porém, no pensamento de Tomás de Aquino, somente as virtudes humanas não bastam. São necessárias virtudes divinas ordenadas por Deus e praticadas pelo ser humano. São necessárias as virtudes teologais: fé, esperança e amor. Nessa direção, no pensamento de Lutero, o viver os valores pela graça divina se torna mais significativo e importante do que possuir uma ética própria. Conforme apresenta Greggersen,

Para Lutero não há nada que seja válido ou existente em si mesmo. Tudo depende da graça divina e a ela responde. O agir ético é precisamente esta resposta livre e espontânea ao amor de Deus, símbolo da gratidão a ele devida. Com isto ele refutava a ética do dever e da obrigação presente em muitos seguimentos da Igreja, bem como a vida monástica, que se isola da vida e do homem comum. Para Lutero, é preciso perder a sua ética em-si-mesma para conquistar a verdadeira.³¹

Já o pensamento dos demais reformadores seguiu o pensamento greco-romano e das virtudes teologais, acrescentando o conceito da ética cristã do viver de forma pia e pura: “João Wesley (1703-1791), Jonathan Edwards (1703-1758) e Friedrich Schleiermacher (1768-1834) baseavam a ética cristã na virtude e no caráter de uma pessoa, mais do que nas decisões e ações particulares da pessoa”.³²

2.3 CONCEITO FILOSÓFICO MODERNO – MAQUIAVEL, ESPINOSA, MONTESQUIEU, ROUSSEAU E KANT

Maquiavel (1469-1527), ao estabelecer as suas teorias de virtude sobre a questão do poder dos príncipes,

[...] utilizou o conceito de *virtù* para se referir a todo o conjunto de qualidades e possibilidades, sejam elas quais forem, cuja aquisição o príncipe possa achar necessária a fim de ‘manter seu estado’ e realizar grandes feitos. Maquiavel tinha em mente esse termo [...], *virtù* dos governantes, mais que pela dos simples cidadãos, levou-o a introduzir importantes graduações em sua análise. A primeira das graduações que se pode ser apontada diz respeito à ideia de que as qualidades que mereciam

³⁰ MAY, 2008, p. 43.

³¹ GREGGERSEN, Gabriele. O protestantismo e os valores éticos. *Mirandum*, Ano 8, n. 15, 2004. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand15/gabriele.htm>>. Acesso em: 23 out. 2011.

³² MAY, 2008, p. 43.

ser admiradas num príncipe eram distintas daquelas que suscitam admiração num cidadão particular.³³

No entanto, para Maquiavel, as virtudes (*virtù*) ou valores de um príncipe ou governante diferem do contexto e do conceito estabelecido pela ótica do bem e da justiça. Maquiavel quebra um paradigma ontológico existente até então, estabelecido por seus antecessores, quando diz:

Tanta diferença existe entre o modo como se vive e como se deveria viver, que aquele que se preocupar com o que deveria ser feito em vez do que se faz antes aprende a própria ruína do que a maneira de se conservar; e um homem que desejar fazer profissão de bondade, mui natural é que se arruíne entre tantos que são perversos. Deste modo, é preciso a um príncipe, para se conservar que aprenda a poder ser mau e que se utilize ou deixe de se utilizar disto conforme a necessidade. [...] E mesmo não lhe importe incorrer na pecha de ter certos defeitos, sem os quais dificilmente salvaria o governo porque, se considerar bem tudo, achar-se-ão coisas que parecem virtudes e, se praticadas, lhe provocariam a ruína e outras que parecerão vícios e que, seguidas, trazem bem-estar e tranquilidade ao governante.³⁴

Por outro lado, olhando por outro prisma, a *virtù* de Maquiavel pode ser entendida de forma a invocar valores, como coragem e determinação, que, não raras vezes, estão adormecidos no inconsciente coletivo pela alienação política e pela falta de envolvimento pessoal em uma causa justa. Assim esclarece Chalita:

A *virtù* é uma qualidade indispensável a quem deseja o poder, não o poder que leva a uma posição de comando na sociedade. Trata-se do poder sobre si mesmo, o poder das conquistas pessoais, no plano do amor filial, paternal ou conjugal, o poder das conquistas profissionais, obtido com estudos e dedicação. Não se pode, por exemplo, reclamar da enchente como uma má sorte; é preciso construir diques e barragens que previnam os acontecimentos desconsideráveis decorrentes de um fenômeno da natureza, por exemplo. A *virtù* é a ação humana.³⁵

Para Espinosa (1632-1677), “a virtude seria a força para agirmos autonomamente, frente às influências das paixões e desejos, cujo contrário (a submissão às paixões) caracteriza o vício”.³⁶ Já para Montesquieu (1689-1755),

[...] a virtude está ligada à política, relacionando-se ao amor pela república, sentimento que deve estar presente em todos os cidadãos de um Estado. O amor à pátria gera automaticamente atitudes políticas benéficas ao Estado, estando entre elas a pureza dos costumes, contrariamente à corrupção.³⁷

³³ ARNAUT, Cezar; BERNARDO, Leandro Ferreira. *Virtù e Fortuna no pensamento político de Maquiavel. Acta Scientiarum*, Maringá, v. 24, n. 1, p. 91-102, 2002. p. 97 e 100.

³⁴ MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. 6. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008. Capítulo 15.

³⁵ CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. 19. ed. São Paulo: Gente, 2004. p. 87.

³⁶ MATOS, 2008, p. 1029.

³⁷ MATOS, 2008, p. 1029.

Para Rousseau (1712-1778),

[...] a virtude é uma disposição moral e psicológica, presente no ser humano desde o seu nascimento, como um legado da natureza. No entanto, com o avanço das ciências, da civilização e da sofisticação, esta capacidade fica embotada, devendo ele, para recuperá-la, voltar-se a si mesmo, em sua condição primitiva e, neutralizando a força de suas paixões, tentar ouvir a voz de sua consciência.³⁸

Para Kant (1724-1804),

[...] a virtude significa fortaleza moral da vontade, no cumprimento de suas obrigações; força que a razão deve manifestar para obedecer às leis que ela mesma obedece, o que define o seu contrário, o vício, como domínio, submissão às paixões. Esta força é fruto do exercício, cultivo e educação da vontade e das faculdades humanas, e não um legado da própria natureza. Kant tem em mente principalmente o fator autonomia, a capacidade de ser causa das próprias decisões e não objeto de determinações externas.³⁹

Os filósofos da modernidade classificam e consideram os valores e/ou virtudes universais, de um modo geral, como sendo atributos do desejo, da necessidade psicológica, da ética e da moral humana, sendo criação própria. No dizer de Rodrigues e Souza, “ética é um conjunto de princípios e valores que guiam e orientam as relações humanas”.⁴⁰ Assim, humanizam os valores e dispensam qualquer sentido ou sentimento mítico ou participação divina da sua construção.

2.4 CONCEITO DO PENSAMENTO PÓS-MODERNO DE VALORES PARA A HUMANIDADE NO SÉCULO XXI

Na contemporaneidade, a sociedade vive uma crise de valores universais por causa de sua postura e sua escolha relativista. Neste contexto, devido à tremenda diversidade cultural, os valores são mutantes. Atrapalhada pelo poder da informação instantânea, a humanidade ainda é aprendente. Possui, em linhas gerais, o seu conceito de valores em fase de construção e de reconstrução permanente de forma inacabada. De acordo com Edgar Morin, a educação, em primeira instância, terá o indivíduo como centro de suas atenções. É através deste indivíduo que os valores universais da humanidade são apresentados: “A educação

³⁸ MATOS, 2008, p. 1029.

³⁹ MATOS, 2008, p. 1029.

⁴⁰ RODRIGUES, Carla; SOUZA Herbert. *Ética e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1994. p. 13.

do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana”.⁴¹ Para Havel, “a tarefa política central nos próximos anos será a criação de um novo modelo de coexistência entre as diversas culturas, povos, etnias e religiões, formando uma só civilização interconectada”.⁴²

Num segundo plano, a cultura como um todo e as culturas particulares, com seus referenciais, tradições e mitos serão o conteúdo a ser repassado na escola do futuro como assunto a ser discutido e analisado. Segundo Morin, “o homem somente se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura”.⁴³ Na cultura, de acordo com Morin, está à fonte de tudo o que é necessário para a formação, a instrução e a educação do indivíduo:

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmitem de geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social.⁴⁴

Delors corrobora com essa ideia do fator cultural ser construído:

Aquilo que fazemos hoje será determinante para o tipo de sociedade que desejamos ver instaurar-se, tanto no que se refere aos seus valores quanto ao bem-estar material e cultural de seus cidadãos. A educação para o século XXI deve projetar no futuro a imagem dessa sociedade e antever as qualidades que as mulheres e os homens terão de ajudar a construir.⁴⁵

É bem verdade que, para isto acontecer, é necessário começar hoje, cada qual fazer a sua parte, uma vez que a cultura se estabelece no decorrer da história. Em outras palavras, a contribuição da humanidade para garantir o futuro educacional de toda uma geração por vir se dará pura e exclusivamente a partir dos valores atuais, dependendo de como são construídos hoje. Ampliando um pouco mais a discussão sobre a construção do momento histórico, Delors faz duas declarações, sendo que, na primeira, coloca o ser humano não só como o centro das atenções, mas como agente produtor:

⁴¹ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004. p. 47.

⁴² HAVEL, Vaclav apud ALMEIDA, Deilson Storch de. *O Pai nosso antológico: a mensagem da oração do Senhor à luz da filosofia e da ciência e segundo os grandes autores e expoentes cristãos*. 3. ed. Vitória: Gráfica e Editora GSA, 2010. p. 136.

⁴³ MORIN, 2004, p. 52.

⁴⁴ MORIN, 2004, p. 56.

⁴⁵ PAPADOPOULOS, George S. Aprender para o Século XXI. In: DELORS, Jacques (Org.). *Educação para o século XXI: questões e perspectivas*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 19-34. p. 33.

Acredito também que é preciso afirmar, contra todo o determinismo e todo o fatalismo, que são os homens e as mulheres que fazem a história, mesmo que nem sempre entendam a história que fazem ou que nem sempre façam a que desejam.⁴⁶

No segundo ponto, Delors coloca os valores espirituais de cada cultura existente no escopo global como componentes e ingredientes correspondentes para formar o novo conceito de humanismo:

É, de algum modo, um novo humanismo que a educação deve ajudar a nascer, com um componente ético essencial, e um grande espaço dedicado ao conhecimento das culturas e dos valores espirituais das diferentes civilizações e ao respeito pelos mesmos para contrabalançar uma globalização em que apenas se observam aspectos econômicos ou tecnicistas.⁴⁷

Neste sentido, Freire assevera que o ser humano com seus valores de forma individual como sujeito dá a sua contribuição e faz acontecer não só a sua história, mas a história coletiva. Segundo o educador,

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.⁴⁸

Além disso, é natural, segundo Toynbee, “a cultura se modificar mesmo quando gerações transmissoras e receptoras fazem o máximo para preservá-la intata, imutável”.⁴⁹ Para Toynbee,

É necessário que reexaminemos o mais rapidamente possível as formas tradicionais de educação, à luz das rápidas e profundas transformações que, se tem verificado em nossa sociedade, em nossos costumes, valores, idéias e instituições.⁵⁰

Contudo, vale lembrar o que Laloup e Nélis declaram sobre mudanças e sincretismos culturais:

⁴⁶ RÉMOND, René. Ensino da História e da Cidadania. In: DELORS, Jacques (Org.). *Educação para o século XXI: questões e perspectivas*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 258.

⁴⁷ DELORS, Jacques. Da Comunidade de Base à sociedade mundial. In: DELORS, Jacques et. al. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999. p. 35-50. p. 49.

⁴⁸ FREIRE, 2007, p. 76-77.

⁴⁹ TOYNBEE, Arnold. *A sociedade do futuro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 81.

⁵⁰ TOYNBEE, 1973, p. 82.

Culturas e civilizações transformam-se não só por uma lei interna, como também por encontros e influências mútuas. Quando, após uma conquista ou invasão, dois povos de diferente civilização se acotovelam sobre o mesmo território, assistimos sempre a um fenômeno de osmose, ao mesmo parcial. O choque entre as culturas se resolve a favor da cultura mais desenvolvida, isto é, aquela que em seus valores espirituais, for mais profunda e mais tolerante: esta domina aquela e opõe-se à testa duma nova cultura.⁵¹

A responsabilidade do construir o futuro e logo vivê-lo compete única e exclusivamente ao que se está fazendo agora no presente. Segundo Carrel,

O futuro será o que nós próprios formos. Não podemos duvidar de que o princípio do menor esforço, a moral do prazer, o liberalismo, contradizem as regras da conduta inscritas na própria estrutura do nosso corpo e do nosso espírito.⁵²

Bauman usa a metáfora do líquido para explicar as suas ideias sobre o que ocorrerá com a cultura da sociedade pós-moderna no futuro:

[...] os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade [...] Enquanto os sólidos têm dimensões especiais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas por um momento.⁵³

Pode-se entender que as culturas não são sinônimos de sucesso educacional e de transformação social por si só, visto não haver solidez em seus valores, mas liquidez, ou ainda mudanças constantes. Isso significa realizar a todo o momento uma avaliação para uma nova adaptação. Como se pode ver, na concepção de Bauman, os valores culturais não se comportam mais como valores eternos. Eles podem ser ultrapassados, são valores transitórios, passageiros. Bauman também entende que a sociedade pós-moderna estará em constante mutação para a sua própria sobrevivência e equilíbrio:

[...] da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um tólos alcançável da mudança histórica, um Estado de perfeição a ser atingido amanhã, no próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa, de sociedade justa e sem conflito sem todos ou alguns de seus aspectos postulados: do firme equilíbrio da oferta e da procura e a

⁵¹ LALOUP, Jean; NÉLIS, Jean. *Cultura e civilização: iniciação ao humanismo histórico*. São Paulo: Editora Herder, 1966. p. 45.

⁵² CARREL, 1950, p. 320.

⁵³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 8.

satisfação de todas as necessidades; da ordem perfeita em que tudo é colocado no lugar certo [...] do completo domínio sobre o futuro [...].⁵⁴

Os legados da humanidade confirmam que a renovação e a evolução dos saberes, como as questões culturais e religiosas, se deram pelas constantes trocas voluntárias e involuntárias entre os povos no decorrer dos milênios, fazendo assim do agente humano o responsável em primeiro plano das transformações e dos sincretismos ora existentes. Porém, é notório perceber que a influência religiosa sempre se fez presente em todas as eras como força social para colocar seus valores em evidência, mais do que a política e a própria filosofia. E, pelo que se percebe, não será diferente para o século XXI. Os valores espirituais fazem parte dos valores humanos universais, pois representam valores perenes a milhares de anos e projetam no imaginário social elementos de equilíbrio e de bem-estar.

⁵⁴ BAUMAN, 2001, p. 37.

3 OS VALORES UNIVERSAIS DA HUMANIDADE APRESENTADOS EM CÓDIGOS, LEIS E PREMISSAS TEXTUAIS

Na perspectiva humana de ordem civil e de disciplina religiosa da sociedade, a humanidade registrou seus valores de forma variada, conforme a sua cultura e temporalidade. Isso aconteceu não só para fazer valer os seus intentos e desejos, mas com a sábia intenção de educar e, assim, de transformar o seu meio social.

3.1 OS PRINCIPAIS CÓDIGOS E LEIS DA HUMANIDADE ORIUNDOS DOS SEUS VALORES UNIVERSAIS

A arqueologia confirma que, desde os primórdios da civilização humana, o ser humano tem elaborado seus valores e os identificado de diversas formas, sendo a forma mais comum através de leis e de códigos de ética. Isto indica não uma tendência ou um modismo da humanidade no decorrer dos milênios, mas uma necessidade de oficializar e tornar os valores idealizados tanto por uma ou outra cultura como importantes para a consolidação da civilização do ser humano:

As pesquisas arqueológicas deste século têm produzido muitos códigos orientais antigos. À parte de menores e mais antigos fragmentos sumerianos, temos agora as leis acadianas de Eshnunna (1850 a. C.); o código sumeriano de Lipit-Istar (poucas décadas mais novo); o código de Hamurábi, o mais longo e mais bem preservado de todos (1700 a. C.); as leis hititas (séc. XV a. C. ?); as leis assírias do período médio (séc. XII a. C.).⁵⁵

Pode-se também apresentar os dez mandamentos (1250 a.C.?) como sendo a síntese dos valores apresentados nas escrituras sagradas de judeus e cristãos, com milhares de anos de tradição, em suas duas esferas de “amar a Deus e amar ao próximo” (Lc 10.27), uma vez que assim é representada. Na sua apresentação original, retrata quatro mandamentos pertinentes ao relacionamento do ser humano com Deus e os outros seis com o relacionamento do ser humano com os seus semelhantes:

Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás diante delas, nem as

⁵⁵ DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 763.

servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam e uso de misericórdia com milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar o seu nome em vão. Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás todo o teu trabalho; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; por isso o Senhor abençoou o dia do sábado, e o santificou. Honra o teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá. Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo. (Ex. 20.3-17)

Os dez mandamentos apresentam de forma resumida grandes princípios de conduta sendo, ao mesmo tempo, espirituais e de ordem civil, pois organizam o bem comum da sociedade e questões religiosas:

O decálogo é mais do que simplesmente uma série de proibições; ele contém princípios de longo alcance. Não somente se aplica a coisas que não deveríamos fazer, mas igualmente àquilo que deveríamos praticar. [...] Por exemplo: o sexto mandamento, “Não matarás”, possui seu lado positivo, “promoverás vida”.⁵⁶

Além disso, há a Lei das XII Tábuas, o primeiro código de leis romanas (451-450 a.C.). Para o jurista Alves, esse código embasa os direitos civis atuais e influencia a ordem jurídica por seus valores como igualmente outras fontes e leis antigas:

A Lei das XII Tábuas foi um importante documento não apenas da História de Roma, mas para toda a posteridade. Foi o primeiro documento legal escrito do Direito Romano, pedra angular onde se basearam praticamente todos os corpos jurídicos do Ocidente.⁵⁷

Durante os primórdios da era cristã, havia muitos escritos: evangelhos, cartas e manuais, como a Didaqué (90-100 d.C.), considerado o mais antigo manual de religião da comunidade cristã primitiva. Segundo Zilles, a Didaqué “pertence ao gênero literário das constituições, servindo de manual de catequese à comunidade, num ambiente judaico-cristão e pagão, como revela a lista dos vícios”.⁵⁸ Em

⁵⁶ NISTO CREMOS: 27 ensinamentos bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 312.

⁵⁷ ALVES, José Carlos Moreira. *Direito Romano*. 6. ed. São Paulo: Forense, 1987. p. 16.

⁵⁸ ZILLES, Urbano. *Didaqué: ou a doutrina dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 17.

especial, também havia o mais popular de todos os demais, *O Pastor* de Hermas (142-155 d.C.). Este foi elaborado para nortear e ajudar principalmente os neófitos na nova fé a se ajustarem com os ensinamentos de Cristo e a moral que estava sendo apregoada:

Esta obra foi escrita em meados do segundo século por Hermas, entre 142 e 155 d.C. Foi um dos escritos mais considerados da antiguidade cristã; por muito tempo, tida como inspirada, inclusive alguns a colocavam no Cânon do NT. As freqüentes referências que se encontram dela em várias obras do período patrístico, demonstram a alta estima em que era tida. A obra era muito usada no cristianismo primitivo para instruir aqueles que acabavam de entrar na Igreja e queriam ser instruídos na piedade [...]. Trata-se de uma obra longa, com 114 capítulos dispostos em 3 partes: 5 visões, 12 mandamentos e 10 Parábolas. [...] A preocupação central de Hermas não é doutrinário-dogmática, mas moral.⁵⁹

Mais tarde, os direitos civis modernos que gestaram antes e, principalmente, durante a Revolução Francesa, o lema liberdade, igualdade, fraternidade, seguiram nos demais movimentos sociais, principalmente, no do pós-guerra em 1948. Eles embasaram as suas premissas e os seus ideais nos valores humanos universais e nos referenciais do cristianismo. Leonardo Boff, afirma que

Somos todos imagem e semelhança de Deus, e mais ainda, Seus filhos e filhas, e está na raiz da dignidade e inviolabilidade da pessoa, fonte dos direitos humanos. A convicção de que somos irmãos e irmãs, está na base da igualdade e da democracia, e o fato de sermos insuflados de espírito criador, nos deu a consciência de liberdade.⁶⁰

O historiador Lessa esclarece, de forma didática, a força dos princípios da reforma nos ideais da Revolução Francesa, quando declara que

A reforma semeou ideias liberais e democráticas, que germinaram fartamente no terreno político, fato este que ninguém pode contestar. Em um estudo de história constitucional moderna, [...] demonstra que a famosa declaração de direitos da revolução francesa não teve sua inspiração imediata em Rousseau, [...] nem mesmo em Lafayette. [...] inspiraram-se os franceses de 1789 nas constituições americanas. As fontes a que recorreu Lafayette se encontram na declaração de Virginia e demais estados da América do Norte, que hauriram tais ideias dos princípios puritanos levados consigo da Inglaterra, sendo Roger Williams um dos seus expoentes. [...] O que se supunha até agora uma obra da Revolução não é, realmente, senão um produto da Reforma e das lutas por ela geradas.⁶¹

⁵⁹ HERMAS. *O Pastor*. Disponível em: <<http://bibliotecacrista.com.br/?p=414#more-414>>. Acesso em: 17 set. 2011.

⁶⁰ BOFF, Leonardo. *O Pai nosso: a oração da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 46.

⁶¹ LESSA, Vicente Temudo. *Calvino: sua vida e sua obra*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, [s.d.]. p. 279.

O Cristianismo e a Reforma Protestante influenciaram a criação do código dos direitos civis diretamente. Estes são daí oriundos, como se pode ver em alguns de seus artigos, apesar de serem laicos, por extravasarem termos como liberdade e igualdade propagados pelo Cristianismo:

Artigo 1º - Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade. Artigo 2º - Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania. Artigo 3º - Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Artigo 4º - Nenhum será mantido em escravidão ou em servidão; a escravidão e o trato dos escravos, sob todas as formas, são proibidos.⁶²

Para uma sociedade que se ajusta às mudanças filosóficas e às novas descobertas tecnológicas, há também a necessidade de adaptar os seus códigos e leis de forma escrita. Conforme Carrel, as regras e os códigos existem naturalmente para proteger o ser humano e para conservá-lo:

As regras da conduta dimanam naturalmente das leis fundamentais da vida humana. Tem como finalidade levar-nos a atuar de maneira a conservarmos a vida, a propagarmos a espécie e a desenvolvermos os nossos recursos mentais.⁶³

Também se percebe a natureza espiritual contida nas linhas do código dos direitos civis do ser humano moderno, por ele promover a liberdade e a sua autonomia, uma vez que este atributo provém do mais profundo íntimo do ser humano. Segundo Sheen,

A liberdade não é mero direito constitucional, nem um direito natural, nem um direito humano, nem tão pouco um direito social; é acima de tudo o mais, um direito espiritual. [...] a liberdade não surgiu de nenhuma organização social, nem de nenhuma constituição e partido, mas da alma do homem.⁶⁴

⁶² DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm> Acesso em: 21 out. 2011.

⁶³ CARREL, 1950, p. 143.

⁶⁴ SHEEN, Fulton apud ALMEIDA, Deilson Storch de. *O Pai nosso antológico: a mensagem da oração do Senhor à luz da filosofia e da ciência e segundo os grandes autores e expoentes cristãos*. 3. ed. Vitória: Gráfica e Editora GSA, 2010. p. 430.

Por sua vez, toda esta herança cultural, oral e escrita, deixada pelos povos da antiguidade, pela Bíblia dos judeus, pelos escritos cristãos e por outras civilizações há milênios, influenciou e embasou a modernidade. Propôs premissas e o ensino de valores e a incluí-los na educação das crianças desde cedo, não só em códigos e leis elaborados para adultos. Na atualidade, a preocupação está na educação e na formação da juventude, sendo destinada uma atenção especial às crianças. Para Antunes,

[...] é necessário ensinar para meninas e meninos desde cedo valores éticos, alicerçados na linguagem do afeto como: a bondade, a espiritualidade, a obediência, a paciência, a diferença entre o olhar e ver, entre o ouvir e escutar, entre falar e dizer. Estes valores ensinados desde cedo apresentam valores das necessidades humanas.⁶⁵

Por sua vez, Empinotti esclarece que “existe uma hierarquia de valores da pessoa humana que diz serem valores: existenciais, estéticos, intelectuais, morais e religiosos”.⁶⁶ Já para Moreno, “são oito os valores atitudinais básicos: convivência, solidariedade, tolerância, diálogo, consciência moral, boas maneiras, bondade e vontade”.⁶⁷ Por outro lado, o maior teórico sobre o assunto, Abraham H. Maslow (1908-1970) apresenta a sua Teoria das Necessidades. Nela, ele identifica um conjunto de valores básicos de forma laica. 24 valores básicos são identificados em sua pesquisa, sendo esses valores em sua ordem de sobrevivência, sexual, prazer, estimulação, emoção, estabilidade pessoal, saúde, religiosidade, apoio social, ordem social, afetividade, convivência, êxito, prestígio, poder, maturidade, autodireção, privacidade, justiça social, honestidade, tradição, obediência, conhecimento e beleza.⁶⁸

Como é possível perceber, diferentes povos, autores e pesquisadores, em diferentes eras, séculos e anos, abordam e identificam os seus valores de forma surpreendentemente equivalente em muitos aspectos, com raras diferenças em alguns casos, no que diz respeito ao tipo, ao número, à ordem e à sua aplicação. Isto talvez seja a confirmação teórica do que Goethe comenta sobre a natureza humana, quando diz que “a humanidade está sempre evoluindo, mas o homem

⁶⁵ ANTUNES, Celso. *A linguagem do afeto*. Campinas: Papirus, 2005.

⁶⁶ EMPINOTTI, 1994, 54.

⁶⁷ MORENO, Izquierdo Ciríaco. *Educar em valores*. São Paulo: Paulinas, 2001.

⁶⁸ MASLOW, [s.d.], *passim*.

continua o mesmo”.⁶⁹ A este respeito, Carrel comenta que realmente repetimos os valores antigos na atualidade e iremos repeti-los sempre pela segurança da tradição: “Dependemos, em absoluto, dos outros homens: dos que vivem conosco, e principalmente daqueles que nos precederam, porque a verdade é que a sociedade se compõe tanto dos mortos como dos vivos”.⁷⁰ O legado histórico é, sem dúvida, o maior patrimônio cultural de valores para a humanidade. Segundo Weber, “o homem durante a sua história busca consciente, livre e responsavelmente os valores que realizam o sentido de sua existência”.⁷¹

3.2 A QUESTÃO DO TEXTO BÍBLICO-TEOLÓGICO QUE RETRATA O VALOR HUMANO MAIOR — O AMOR

Desde o Velho Testamento, e de forma enfática no Novo Testamento, a Bíblia recomenda nas palavras de Jesus (Jo 13.34) que o amor é o mais sólido, puro e verdadeiro valor que deve ser aplicado e vivenciado pela humanidade de forma plausível. Nogare confirma:

O amor autêntico, verdadeiro, desinteiriçado, parece a única forma de relacionamento humano em que a prerrogativa de o homem ser fim e não meio é reconhecida e realizada. [...] Compreende-se, pois, todo o alcance do preceito evangélico: ‘amai-vos uns aos outros.’ Quando Cristo o promulgava para a nova humanidade, não se abandonava à demagogia ou ao lirismo sentimental, mas indicava a única lei capaz de estabelecer relações humanas autenticamente válidas.⁷²

O Apóstolo Paulo também caracteriza e expressa o amor na forma de uma autonegação para se autorrealizar em caráter verdadeiro e aceitável em sua ação de caridade em favor do próximo:

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. O

⁶⁹ GOETHE apud ALMEIDA, 2010. p. 441.

⁷⁰ CARREL, 1950, p. 319.

⁷¹ WEBER, Otávio José. *Valores manifestados por alunos do 3º grau e professores universitários – implicações para uma educação de valores*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, PUCRS, 1991. p. 39 e p. 44.

⁷² NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismo e anti-humanismos: introdução à antropologia filosófica*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 16.

amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos; Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor. (1 Co 13.1-13)

O comentarista textual Stern analisa I Coríntios 13 da seguinte maneira:

O amor se expressa em atos de benevolência, bondade e misericórdia, nos quais coração, mente e vontade estão unidos porque receberam de Deus a motivação e o poder. Esse amor vai além do que se pode produzir sozinho, pois sua origem está em Deus. Quando uma pessoa experimenta o amor que flui de outra pessoa para ela, a experiência é do amor de Deus canalizado através dessa segunda pessoa.⁷³

Por sua vez, para Toynbee, esse amor é vivenciado, na esfera humana, por experiências reais possíveis pela transcendência. Segundo Toynbee,

Pessoalmente acredito que o amor seja um valor absoluto, aquele que dá significado à vida humana [...] Também acredito (embora saiba que isso não possa ser demonstrado) que o amor que nós conhecemos através de experiências concretas de seres humanos no nosso planeta está presente da mesma forma que um espírito maior, transcendental. O amor verdadeiro é um sentimento que supera o egocentrismo, que se expressa numa atividade extra pessoal em benefício dos outros.⁷⁴

Para Moreno, ao ser administrado, o amor enriquece e permite fazer crescer,

O verdadeiro amor é o que nos puxa para fora de nós mesmos, nos atira para o exterior e nos enriquece não pelo que pode devolver, mas porque o simples fato de sairmos de nós mesmos já é enriquecedor. A pessoa expande-se ao se abrir.⁷⁵

Neste ponto, Empinotti concorda com Moreno ao dizer que: “O amor é a síntese dos valores. É sua auréola deslumbrante”.⁷⁶ Carrel é um pouco mais abrangente, ao declarar que, além do amor, existem outros valores espirituais que promovem a felicidade. “Só os valores espirituais nos podem trazer a luz e a alegria.

⁷³ STERN, David H. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. São Paulo: Templus, 2008. p. 520 e 521.

⁷⁴ TOYNBEE, 1973, p. 14-15.

⁷⁵ MORENO, 2001, p. 139.

⁷⁶ EMPINOTTI, 1994, p. 51.

Cada um de nós, em certo momento da sua vida, deve optar entre o material e o humano, isto é, deve obedecer ou desobedecer à lei da ascensão do espírito”.⁷⁷

Desta forma, fica evidente que o amor se apresenta como pedra fundante para definir e conceituar como o valor principal da Bíblia e da teologia. Entretanto, o amor se subdivide ainda espontaneamente em um grande leque de outras virtudes espirituais, fazendo evoluir o ser humano, quer em suas relações interpessoais, quer em seu projeto de crescimento pessoal.

3.3 A NECESSIDADE HUMANA DE PRODUZIR CÓDIGOS DE VALORES ESPIRITUAIS E SOCIAIS PARA A CIDADANIA E A VIDA NA POLIS INERENTE

Por conter no seu âmago a espiritualidade, o ser humano é um ser altamente sociável por natureza. Empinotti esclarece que “o grupo possui e desperta um dinamismo interno, espécie de alma coletiva que favorece seu desenvolvimento”.⁷⁸ Dificilmente, o ser humano sobreviveria fora de uma comunidade. Para viver, necessita, entretanto, organizar a sua vida em sociedade. E, para isso, ele precisará descobrir e descrever suas necessidades em um código de conduta que lhe servirá para controlar seus instintos naturais.

Estes códigos de conduta são valores, em sua maioria princípios universais, de ordem espiritual e social, que dificilmente e inegavelmente serão desprezados e apagados. Segundo Moreno, “os princípios éticos que fundamentam a conduta cívica e os valores da cidadania são universais e perenes”,⁷⁹ como, por exemplo, o princípio natural do seu instinto de sobrevivência em comunidade, o valor e o respeito à vida. Num outro conjunto, estão as leis e os princípios idealizados pelo ser humano de caráter muitas vezes utópico. Estes códigos são mutáveis e transitórios, uma vez que não pretendem se identificar com as leis naturais. Segundo Carrel,

As leis naturais diferem profundamente das leis feitas pelos homens. As primeiras nascem de uma descoberta, ao passo que as segundas nascem duma invenção. [...] as leis naturais são universais e inexoráveis. [...] as convenções sociais são sempre transitórias, ao contrário das leis naturais que são eternas. Existem desde a origem do universo e durarão enquanto

⁷⁷ CARREL, 1950, p. 118.

⁷⁸ EMPINOTTI, 1994, p. 83.

⁷⁹ MORENO, 2001, p. 144.

ele durar. A velocidade da luz sempre será a mesma. Perante a lei da gravidade os homens são iguais.⁸⁰

Para o seu crescimento, sua evolução e sua maturidade, por natureza, o ser humano necessita reconhecer tanto os códigos das leis naturais quanto criar e detalhar a sua própria ética e seus próprios valores, mesmo sendo estes últimos transitórios e mutáveis com o passar das gerações. Esta dinâmica lhe caracteriza a sua natureza autônoma de buscar e de encontrar soluções para os desafios da sua sobrevivência individual e da sua *polis*; o que não o isenta de cometer erros e acertos na sua trajetória. Segundo Laloup e Nélis,

A evolução dum civilização não é, pois, a história da posse perfeita dum verdade única, que serenamente se difunde em diversas encarnações, mas, é, antes, uma luta entre a posse e a pesquisa, a arrastar em pós de si avanços e recuos.⁸¹

Desta forma, para a humanidade conviver e sobreviver em sociedade, os princípios de cidadania deverão ser apreendidos por meio da educação. Os ingredientes principais para esta tarefa são o ensino de valores inerentes e comuns a todos habitantes da *polis*, de modo a serem exercitados de forma coletiva. Conforme Moreno,

Educar é ensinar a viver. O problema da sociedade atual é a ausência de valores e não de liberdade. Faltam valores que relacionem e aglutinem as vontades humanas, que dêem sentido à vida, a ideais pelos quais viver e lutar. [...] a educação deve permitir o exercício dos valores que tornam possível a vida em sociedade, especialmente o respeito aos direitos e às liberdades fundamentais e a aquisição de hábitos de convivência e de respeito mútuo.⁸²

Pelo ensino e pela prática, todo cidadão da *polis* exercita seus deveres éticos que lhe são comuns interiormente, pelo aprendizado dos valores coletivos de maneira integral, entregando-se corporalmente, mentalmente e espiritualmente na condição e expressão máxima de que “[...] viver é conviver. Conviver não é ‘semiviver’, é ‘multiviver’; não limita, aumenta; não condiciona, lança”.⁸³ O ser humano somente irá atingir o ideal da sua evolução desenvolvendo o princípio imutável de viver bem, feliz e totalmente adaptado ao meio social que lhe é inerente. Moreno salienta tal princípio da seguinte maneira:

⁸⁰ CARREL, 1950, p. 51-52.

⁸¹ LALOUP; NÉLIS, 1966, p. 40.

⁸² MORENO, 2001, p. 132.

⁸³ MORENO, 2001, p. 138.

O indivíduo humano não pode encontrar sua perfeição fechando-se em si mesmo, mas na comunhão com os demais, na sociedade humana, na comunhão homem e mulher e pais e filhos na sociedade familiar, na comunhão no grupo ético, na nação, na humanidade.⁸⁴

Em seguida, declara:

Conviver exige respeitar nossos semelhantes e, para que esse respeito se manifeste, convém que algumas normas de convivência sejam conhecidas e exercitadas com esmero. A cortesia e as boas maneiras são tão necessárias quanto importantes. Por isso, as normas que ajudam a conviver – a boa educação – baseiam-se na consideração e no respeito com relação aos demais.⁸⁵

Moreno enfatiza a convivência como valor humano. Este é a base para as relações sociais.

É muito importante para o desenvolvimento do ser humano aprender a estar com os demais. O conhecimento adequado de si mesmo é a base fundamental para se conseguir uma convivência fecunda e enriquecedora. [...] Conhecer e aceitar a si mesmo é a condição de toda a busca autêntica de paz e de felicidade.⁸⁶

Moreno ainda declara que a base para a harmonia relacional acontece com respeito às diferenças:

Respeito e estima são valores que constituem a base do convívio humano e abrangem todas as áreas da existência: idéias, sentimentos, emoções e projetos. Nenhuma pessoa tem o direito de dizer que ama a outra se não a respeita, se não a aceita como ela é e se não tem grande estima por ela.⁸⁷

Segundo Campos, os valores que priorizam a convivência e a ordem social ajudam a construir um ser humano equilibrado e resistente a modelos negativos vivenciados pelo social corrupto,

Os valores culturais, religiosos e ideológicos do ambiente vão colaborar com o jovem para a aquisição de confiança, autonomia, e formação da identidade individual, possibilitando seu ingresso no mundo adulto livre de delinquência, falta de auto-estima e de modelos negativos.⁸⁸

Fica claro entender que o ser humano foi moldado pela própria natureza para aprender a desenvolver-se em sociedade de maneira comum com outros seres

⁸⁴ MORENO, 2001, p. 133.

⁸⁵ MORENO, 2001, p. 206.

⁸⁶ MORENO, 2001, p. 139 e 140.

⁸⁷ MORENO, 2001, p. 142.

⁸⁸ CAMPOS, Dinah Martins de Souza. *Psicologia e desenvolvimento humano*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 88.

da mesma espécie. Para que tudo aconteça a contento, o ser humano precisará corrigir e reconhecer alguns de seus códigos conforme os princípios e os valores naturais estabelecidos. Para tal feito, a humanidade tem concorrido para diversas ferramentas institucionais, a religião, a autoridade civil; sendo a mais recente a educação infantil e juvenil, talvez, por apresentar maiores possibilidades de redenção e de transformação.

De antemão, pela própria história da humanidade, sabe-se que o processo educativo de um novo cidadão é gradual e lento. Além disso, tem ainda a probabilidade de, ao final de todo o processo, ser em vão. Contudo, deve aí entrar em cena outro valor de princípio eterno da natureza humana que é o amor. Amor para resistir e repetir a ação, quantas vezes forem necessárias para atingir tal objetivo. Conforme Empinotti, “[...] o amor impregna toda a escala de valores. É o ingrediente necessário à dilatação e irradiação do valor”.⁸⁹

⁸⁹ EMPINOTTI, 1994, p. 51.

4 A PRÁTICA EDUCATIVA DE VALORES UNIVERSAIS ATRAVÉS DO ENSINO RELIGIOSO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

A prática educativa de valores universais para o ser humano não só é necessária como almejada. Por natureza, o ser humano é um ser espiritual. Empinotti explica que “a religiosidade é própria de todo o ser racional. É a expressão espontânea da pessoa com a Divindade”.⁹⁰ E apesar desta natureza espiritual não poder ser vista, tocada e, assim, confirmada cientificamente, ela é pulsante e presente. No dizer de Carrel, ela se apresenta de forma sensitiva: “[...] a maior e mais misteriosa energia que existe sobre a Terra é a energia espiritual”.⁹¹ Pela necessidade da vivência desta energia espiritual nata ao ser humano, este fator o leva a crer numa entidade que lhe seja infinitamente superior, criadora e mantenedora do universo, com poderes de onisciência e onipotência. Desta forma, faz o ser humano sentir-se seguro e estabilizado, porém, ao mesmo tempo, temeroso diante do poder desta entidade transcendente. Esta energia espiritual concentrada no interior do ser humano consegue ser liberada e se extravasar de forma natural, segundo Empinotti, através dos seus valores idealizados:

O valor é o núcleo irradiador. Estampa-se no rosto, nas atitudes e comportamentos. É revelador por natureza e também contagiante. Vive preferencialmente no meio comunitário e social aonde além de se manifestar procura espaço.⁹²

Apesar desta energia se apresentar de forma tonificante e dar sentido à existência, a sua vitalidade é bastante sensível. Caso houver renúncia persistente e consciente em relação aos valores idealizados pela natureza espiritual interiorizada no ser humano, em relação aos seus conceitos de valores e, em sequência, à sua aplicação, essa energia perde a sua força e, em seguida, a sua existência:

Ao mesmo tempo em que renunciamos aos preceitos evangélicos, renunciamos também a toda a disciplina interior. [...] Temperança, honra, veracidade, responsabilidade, pureza, autodomínio, amor ao próximo, heroísmo [...].⁹³

⁹⁰ EMPINOTTI, 1994, p. 85.

⁹¹ CARREL, 1950, p. 53.

⁹² EMPINOTTI, 1994, p.100.

⁹³ CARREL, 1950, p. 31.

Por outro lado, se o ser humano se permitir convencer da sua existência e potencialidade, apresentará uma vida completa de forma a dar razão a sua existência e a sentir-se pleno. O apelo natural do íntimo do ser humano é pela busca da felicidade plena, sendo que, neste contexto, se apresentam os grandes valores espirituais para satisfazer este desejo. Conforme Empinotti, “É notável a presença e força dos valores espirituais, religiosos, artísticos portadores de particular fascínio, próprio a empolgar os sentimentos mais nobres, aninhados no espírito e coração do homem”.⁹⁴ Esta satisfação acontece notoriamente porque, segundo Gardner, a natureza latente espiritual corresponde a um tipo de inteligência existencial que possuímos. Por possuímos tal inteligência, que questiona temas e assuntos relacionados sobre a existência do seu próprio ser físico, mental e espiritual, ela se torna a mais humana de todas as demais:

Hoje estamos discutindo a possibilidade de haver uma nona inteligência, que chamamos de existencial. Essa inteligência está ligada à capacidade de considerar questões mais profundas da existência, de fazer reflexões sobre quem somos, de onde viemos ou por que morremos.⁹⁵

Esclarecendo um pouco mais sobre as suas descobertas a respeito das capacidades humanas e suas inteligências, Gardner faz uma revelação e coloca teoricamente o elo perdido entre o divino e a humanidade, quando diz: [...] “Nomeei essa forma de inteligência de ‘existencial’ porque ela parece aliada ao fato de nossa existência como indivíduos no cosmos e à nossa capacidade de nos estarmos diante de tal fato”.⁹⁶

A natureza espiritual do ser humano é inegável pela sua apresentação, não só em termos de fenômeno histórico, mas, principalmente, por natureza de vida, tendo uma inteligência própria para gerenciar esta complexa atividade. Por lhe ser natural, o desejo pelo transcendente brota-lhe do seu interior para o exterior de forma inevitável. Tal desejo não cessa enquanto o ser humano não o realiza e o

⁹⁴ EMPINOTTI, 1994, p.101.

⁹⁵ GARDNER, H. *Novas conclusões em sua teoria sobre as capacidades humanas*. Revista Nova Escola, São Paulo, n. 105, set. 1997. Disponível em: <<http://novaescola.abril.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

⁹⁶ GARDNER, H. apud SILVA, Leonice M. Kaminski da. Existe uma inteligência existencial/espiritual? O debate entre H. Gardner e R. A. Emmons. REVER - Revista de Estudos da Religião, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 47-64, 2001. p. 58. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv3_2001/p_silva.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2011.

satisfaz plenamente. A atitude espiritual diante da vida, em que se coloca o ser humano por voluntariedade, o faz humano, pois lhe é inerente.

4.1 O DESENVOLVIMENTO DA AXIOPRAXIA ESPIRITUAL

A axiopraxia, ou pedagogia dos valores, aplicada como parte integrante do conteúdo da disciplina de Ensino Religioso no currículo das escolas confessionais e públicas, deve ser levada em consideração. Não só porque se descortina como uma tendência ou um modismo para o século XXI, mas pela necessidade dos valores humanos que ela transmite, como também pela importância a que deve ser transmitida para suscitar transformação social e mudança das gerações futuras.

A vida humana é dirigida, em sua maior parte, por instituições transmitidas de geração para geração através não da procriação e sim da educação. Esse processo de transmissão da herança sociocultural é desempenhado tanto pelos professores nas escolas como pelos pais e outros membros das gerações mais velhas com os quais um membro da geração jovem venha a ter contato.⁹⁷

Esta educação acontece pela construção de conteúdos. Conforme Freire,

Não há, nunca houve nem pode haver educação sem conteúdo, a não ser que os seres humanos se transformem de tal modo que os processos que hoje conhecemos como processos de conhecer e de formar percam seu sentido atual. O ato de ensinar e de aprender, dimensões do processo maior – o de conhecer – fazem parte da natureza da prática educativa. Não há educação sem ensino, sistemático ou não, de certo conteúdo. E ensinar é um verbo transitivo-relativo. Quem ensina alguma coisa – conteúdo – a alguém – aluno.⁹⁸

Entende-se que o conteúdo desta educação se identifica como conteúdo sociocultural, que terá a sua base e grande influência na religião, pois, conforme Tillich “a religião é a substância da cultura”.⁹⁹ Isso também é observado por Morin:

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social.¹⁰⁰

⁹⁷ TOYNBEE, 1973, p. 81.

⁹⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 110.

⁹⁹ TILLICH apud ALMEIDA, 2010, p. 426.

¹⁰⁰ MORIN, 2004. p. 56.

Contudo, o equilíbrio deve nortear os conteúdos administrados na disciplina de Ensino Religioso, uma vez que, para Catão, religião e valores se confundem:

[...] pode-se dizer que valores e religião parecem se situar, por assim dizer, no mesmo nível, do ponto de vista antropológico. Mas não se podem identificar do ponto de vista pedagógico, a ponto de a educação em valores substituir o Ensino Religioso. Valores e religião são, ao seu modo, manifestações da transcendência, ambas indispensáveis ao desabrochar das personalidades concretas, situadas no tempo e no espaço.¹⁰¹

Nesse sentido, entende-se que, para a realização da axiopraxia, a proposta conceitual de Delors sobre “os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros, aprender a ser”,¹⁰² fundamentados e estabelecidos pela Comissão Internacional sobre Educação da UNESCO para o Século XXI, poderá ser utilizada, uma vez que esta possibilita ao educador promover uma metodologia dialógica com os educandos. No ponto de vista de Freire, pode-se entender que essa proposta é apropriada, pois “o diálogo pedagógico implica tanto o conteúdo ou objeto cognoscível em torno de que gira quanto à exposição sobre ele feita pelo educador ou educadora para os educandos”.¹⁰³

Vale ressaltar, entretanto, que o processo do ensino em valores não poderá ser avaliado ou esperar apresentar resultados a curto prazo, nem tampouco milagres. No cumprimento da sua função formadora, espera-se que faça seu trabalho, movendo-se sempre para frente, focado nos seus objetivos de forma a não renunciá-los. Os conceitos apresentados por Delors têm objetivos bem definidos: “desenvolver todas as nossas capacidades: inteligência, afeto, sensibilidade, compromisso, gosto pelas coisas”.¹⁰⁴ Desta forma, evidencia-se uma aprendizagem existencial sem compromisso com a temporalidade, apenas consigo mesmo. Também, percebe-se que a melhor Linha Pedagógica a ser adotada poderá ser a Integralista, visto que Delors invoca a abrangência total do ser humano em seus aspectos físicos, emocionais e espirituais.

¹⁰¹ CATÃO, Francisco. Valores e religião. *Revista Diálogo*, São Paulo, ano X, n. 37, p.20-23, fev., 2005. p. 23.

¹⁰² DELORS, Jacques. Os quatro pilares da educação. In: DELORS, Jacques et. al. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999. p. 89-102. p. 89.

¹⁰³ FREIRE, 1992, p. 118.

¹⁰⁴ ZABALZA, Miguel. Como educar em valores na escola. *Revista Pátio*, Porto Alegre, ano 4, n. 13, p.21-24, maio/jul. 2000. p. 23.

Como se trata de prática educativa inserida no currículo formativo de modo explícito para alunos do ensino fundamental, em que a faixa etária corresponde a alunos entre 6 a 14 anos de idade, as suposições e os argumentos da prática pedagógica serão apresentados em conjunto. Entretanto, elas não seguem a escala proposta por Delors, no que diz respeito à sua apresentação.

4.2 “APRENDER A CONHECER, APRENDER A FAZER, APRENDER A VIVER COM OS OUTROS, APRENDER A SER” PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

“Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros, aprender a ser” indica que o saber e os valores humanos universais não são ensinados apenas na unidade escolar. Segundo Zabalza, aprende-se sempre durante toda a existência e em diversos lugares:

Em grande parte, os valores são aprendidos (na família, no grupo de amigos/as, na escola, na comunidade) sendo vivenciados nas ações cotidianas, os valores que mais se impregnam nos sujeitos são, sem dúvida, aqueles que fazem parte de seu “estilo de vida” habitual.¹⁰⁵

Neste processo, as crianças vivenciam experiências e entram em contato com uma diversidade de valores, através da convivência, de modo a assimilarem e, em seguida, encarnam tais valores numa velocidade incrível, que, muitas vezes, surpreende. De fato, conforme Gardner, isso ocorre pelo desejo que as crianças possuem naturalmente de buscar conhecer e dominar a sua cultura,

Logo depois da idade em que inicia a escola, as crianças começam a assumir uma posição muito diferente com relação às oportunidades em sua cultura. Quer esta tendência seja favorecida pela escola quer não seja, fica evidente que as crianças querem conhecer as regras dos domínios e as convenções da cultura, e buscam dominá-las tão rápida e prontamente quanto possível.¹⁰⁶

Contudo, Zabalza apresenta que a escola precisa se preparar para o ensino dos valores, uma vez que é a grande transmissora de conhecimento e cultura. A unidade escolar, de forma institucional, precisa assumir esta responsabilidade, não esperando ou dependendo apenas do educador. “Não adianta de nada declarar que

¹⁰⁵ ZABALZA, 2000, p. 23.

¹⁰⁶ GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 55.

se quer educar em valores os estudantes que procuram as escolas se a própria instituição escolar não assume como compromisso próprio os valores que deseja transmitir”.¹⁰⁷ Para Empinotti, o ambiente exerce grande influência sobre a mente juvenil e motiva o jovem ou adolescente a agir favoravelmente ao meio social em que está convivendo. Se o ambiente for saudável, haverá motivação para segui-lo,

O clima de otimismo reinante em certos ambientes é produto da presença de algum valor. Ação altamente louvável será criar tal ambiente na família, escola, na sociedade. O jovem, o adolescente é muito sensível a este tipo de valor que estimula e lhe imprime gosto de viver.¹⁰⁸

Por outro lado, Antunes declara que a aprendizagem de valores não deve ser desprezada ou ignorada, uma vez que ela não será assimilada de forma passiva contemplativa, porém, de forma ativa e super dinâmica, principalmente, na escola:

Penso que existe de maneira generalizada a idéia de que pais professores que têm condutas éticas transmitem isso automaticamente aos filhos. Portanto, formar a criança em valores seria simplesmente proporcionar a ela a convivência com pessoas que os praticam, supondo que ela adquira os valores por osmose.¹⁰⁹

A criança em idade escolar traz consigo, em sua estrutura emocional e seu caráter, a influência de valores aprendidos em seu anterior *habitat*, de modo que agora, em novo ambiente, irá realizar e fazer trocas de valores com os demais colegas de classe e com todo o universo escolar. Nesse ponto, a unidade escolar precisa também estar preparada e assumir comprometimento com os valores culturais, sociais, espirituais e códigos de ética, que deseja transmitir, sejam eles de convivência ou de ordem social. Estes valores, segundo Antunes, deverão ser ensinados em um momento próprio e de forma clara, sem rodeios, pois

[...] ensinar valores envolve momentos explícitos e espaços definidos. Guardando-se as devidas proporções, porque há grande diferença, creio que assim como o ensino de conceitos ou conteúdos conceituais sobre história, geografia ou ciências envolve um momento, um aparato e uma circunstância determinados, a mesma coisa, penso, ocorre com o ensino da honestidade, da bondade, da solidariedade, entre tantos outros.¹¹⁰

¹⁰⁷ ZABALZA, 2000, p. 23.

¹⁰⁸ EMPINOTTI, 1994, p.101.

¹⁰⁹ ALVES, Rubem; ANTUNES, Celso. *O aluno, o professor, a escola: uma conversa sobre educação*. Campinas: Papirus; 7 Mares, 2011. p. 17.

¹¹⁰ ALVES; ANTUNES, 2011, p. 17.

Para a criança, segundo Empinotti, estes valores apresentados no momento próprio, de maneira própria e de forma explícita, são imediatamente assumidos, incorporados, memorizados e vivenciados:

A presença dos valores assumidos e incorporados, nos períodos apropriados, é um arsenal inestimável, precioso tesouro que leva a pessoa a sentir-se solidária com a história e comprometida com o bem-estar social. Nas horas difíceis, decisivas é que se manifesta o cabedal de valores, acumulados.¹¹¹

Ainda para Antunes, a dinâmica para o educador de valores possuir um espaço entre as inúmeras aulas do dia letivo é realmente necessária, uma vez que o tema e a oportunidade se apresentam em termos de futuro para a vida de uma criança de forma indescritível. O autor esclarece ainda que o educador deverá agir com profundo interesse, criatividade e profissionalismo:

Acho que é necessário criar um determinado espaço para que esses valores sejam ensinados. Claro, por meio de metáforas, de interrogações, de proposições e desafios. Volto a dizer, não da maneira convencional, mas também não na simples suposição de que valores se conquistam por osmose, de que viver ao lado de pessoas justas nos torna justos, ou de que viver ao lado de pessoas bondosas nos torna bondosos. Creio que a escola precisaria repensar a pedagogia dos valores e de que maneira efetivamente desenvolver essa questão dentro de uma condição não protocolar, mas que fosse efetivamente marcada. Vamos deixar de lado o pensamento ingênuo e simplista de que valores brotarão na vida da criança como um dia brotará o dente do siso.¹¹²

Para que esta dinâmica ativa aconteça de modo a dar resultado, Empinotti sugere ao educador de valores colocar em seu planejamento e, em seguida, em sua prática pedagógica diária, dois verbos: despertar e acompanhar. Isso porque

O valor quando despertado manifesta sua presença e irradia sua força interna. [...] Não basta despertar valores. É preciso acompanhar seu desenvolvimento inicial, acompanhando-os com muito carinho, paciência e amor. [...] Não é suficiente alimentar valores; cumpre acompanhá-los, alimentando-os com oportunos conselhos e estímulos [...] É exigência inerente ao crescimento. Sem a sustentação, na hora certa, o valor tende a desfalecer, perder vigor ao combate das dificuldades, especialmente no jovem.¹¹³

O acompanhamento é tão importante quanto o despertamento de valores na vida de uma criança. A sua memória em sua faixa etária é de curta duração. Este fato é natural. A criança esquecerá com facilidade os valores se eles não forem

¹¹¹ EMPINOTTI, 1994, p. 67.

¹¹² ALVES; ANTUNES, 2011, p. 18.

¹¹³ EMPINOTTI, 1994, p. 127.

lembrados constantemente. Este acompanhamento de repetição dos valores deverá ser realizado de forma motivadora, jamais impacientemente. Os conteúdos ou os valores a serem ensinados procedem de uma fonte única e devem ser destinados também para um único alvo. A fonte de onde os valores devem sair é a fonte do amor que transcende, e o alvo, o coração da criança. Para Boff,

É uma ilusão, crer, que melhorando a sociedade, melhora-se o homem. A salvação dos problemas humanos, não começa no bolso, nem no estômago ou na cabeça, mas no coração. O mundo só melhora, transformando-se o homem.¹¹⁴

Como melhora e transformação, segundo Moreno, tais constituições acontecem quando o lar se alimenta com nobres valores espirituais e repassa, desta forma, para as crianças.

O lar não nasce por impulso mecânico natural, da mesma forma que nasce uma família, pelo simples ato matrimonial. O lar não é feito, é preciso criá-lo. E para isso são necessários meios naturais de tipo material e moral e algumas virtudes humanas individuais, sociais e cristãs. Quando o lar é nutrido com esses valores morais e espirituais, transforma-se facilmente em fonte de luz e de irradiação de vida, de fé, de amor, de religiosidade, e com uma função educadora inconfundível.¹¹⁵

Retomando a questão do relacionamento interpessoal — educador/aluno — no processo da prática da pedagogia dos valores, vale mencionar que o exemplo sobre o educando é, por sua vez, “o conteúdo” de maior destaque. Pode-se dizer que será até mesmo maior que os conteúdos apresentados de forma explícita e clara durante o espaço de tempo requerido por Antunes. O educador precisa falar a respeito dos valores universais e, ao mesmo tempo, vivê-los para persuadir o educando. O educador de valores não poderá ficar silente, nem com a boca e, muito menos, com o restante do seu corpo. Para a aprendizagem em valores, não é suficiente apenas a presença do educador, pois o aprendizado “não acontece por osmose”. Sobre esta questão, Zabalza esclarece que:

A ação do professor como modelo de atitudes faz com que o tema do ensino dos valores transcenda a natureza fundamentalmente técnica do ensino de outros conteúdos. No ensino de atitudes, o técnico-profissional se sobrepõe ao pessoal. Às vezes, as duas mensagens são confluentes e somam sua capacidade de influência. Em outras ocasiões, é produzido um desdobramento da mensagem: a mensagem instrutiva é diferente da mensagem pessoal e o poder de influência do professor fica reduzido ou, inclusive anulado. [...] Pelo contrário, quando um professor “vive” com

¹¹⁴ BOFF apud AMEIDA, 2010, p. 138.

¹¹⁵ MORENO, 2001, p.210.

intensidade um determinado valor, este acaba sendo transmitido com força aos alunos.¹¹⁶

Tanto para a criança quanto para os adolescentes, estar na companhia de pessoas que lhes são amigos e camaradas é prazeroso. Neste ponto importante do comportamento juvenil, o educador de valores poderá se aproximar com segurança e apreço. Certamente não será desprezado, mas bem-vindo, e deixará a sua marca e saudades na vida de seus educandos. Conforme declara Empinotti,

A presença de pessoas ricamente dotadas de nobres e generosos sentimentos, expressões de valores vividos, é um forte chamariz para a alma vibrátil do adolescente. Pais, educadores e quantos sentem o peso das responsabilidades, sempre exercem efeito na alma do adolescente e do jovem, marcam sua presença, às vezes, indelevelmente.¹¹⁷

Também Carrel explica que a humanidade busca na sua história heróis. Ídolos são cultuados e honrados com o objetivo de servirem de referência e para transmitir algum valor. Isso não é diferente com a juventude na sua busca por referências na atualidade:

Todo aquele que é virtuoso leva a sua roda a participar no acréscimo da qualidade de vida que nele se verifica. As sociedades, mesmo as mais corruptas, conservam o sentimento mais ou menos nítido do valor da virtude. Os heróis e os mártires são honrados, de maneira instintiva, pela multidão. A grandeza de um povo provém da sua submissão às leis essenciais do seu ser.¹¹⁸

A este respeito, Alves dá um testemunho sobre o seu desenvolvimento pessoal na educação de valores. Pode muito bem servir como ferramenta para a prática educativa em valores aqui apresentada. Diz ele:

Aprendi muito lendo biografias de pessoas que eu admirava. E à medida que eu ia lendo, ia admirando, amando, identificando, introjetando... Ao contar a história de sua transformação espiritual, Gandhi diz que ela foi possível graças a um livro. Isso ocorre quando a pessoa lê o livro não para fazer uma prova, mas simplesmente para saboreá-lo.¹¹⁹

Da mesma forma, a leitura de personagens históricos e grandes vultos da humanidade é extensiva ao educador. Freire declara que o educador precisa pesquisar. Para isso, é necessário ler com profundidade e criticidade, a fim de estar apto e preparado para poder ensinar de forma a oferecer resultados. Ele diz:

¹¹⁶ ZABALZA, 2000, p. 24.

¹¹⁷ EMPINOTTI, 1994, p.106.

¹¹⁸ CARREL, 1950, p. 141.

¹¹⁹ ALVES; ANTUNES, 2011, p. 18-19.

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.¹²⁰

Vale ressaltar que, durante todo o processo educativo das crianças como dos adolescentes, o educador de valores precisa nortear a sua prática pedagógica com estas ponderações. Deve ainda, quando possível, conduzir o educando a interagir de forma positiva aos valores humanos universais, fazendo-o conhecer, compartilhar e a vivê-los plenamente, conforme a proposta de Delors. Conseguindo isto, o educador de valores estará construindo, em conjunto com seus educandos, um mundo melhor, com desejo de viver e com prazer. Contudo, o educador não deve esquecer que os valores humanos universais se caracterizam pela sua forma transcendente de serem vivenciados pela humanidade. É desta forma que devem ser apresentados, uma vez que as necessidades do ser humano assim demandam. A matéria-prima que se apresenta nas mãos do educador — crianças e adolescentes — é, para a humanidade e para o futuro, o que existe de mais valioso. Não existe sobre a Terra alguém ou alguma coisa, animada ou inanimada, que supere este bem.

4.3 RELATO DE DUAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS COM PROJETOS NO ENSINO DE VALORES

A proposta lançada por Delors sobre os quatro pilares da educação para o século XXI – “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser” - é um desafio que deve começar imediatamente, sem demora. Deve realizado com objetividade e responsabilidade pelo educador de valores. Neste empreendimento, Veloso destaca que isso é necessário e urgente:

É sumamente importante e necessário que em nossas escolas se desenvolvam experiências educativas significativas, onde os alunos incorporem e internalizem os valores, na perspectiva ética da não-violência, da tolerância para com as diferenças. Esta urgência passa, também, pela necessidade de adoção de um sistema educacional mais humano, justo e solidário, bem como pelas práticas pedagógicas que desse sistema possa decorrer.¹²¹

¹²⁰ FREIRE, 2007, p. 30-31.

¹²¹ VELOSO, Eurico dos Santos. *Fundamentos filosóficos dos valores no ensino religioso*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 81.

Desta maneira, Veloso destaca as necessidades da escassez e da falta de oferta de valores para os alunos na atualidade e busca despertar o interesse e a criatividade para a axiopraxia dos educadores como também das instituições. Com estes objetivos em mente, o autor deste trabalho de pesquisa elaborou duas ações que foram colocadas em prática na unidade escolar da sua comunidade, sendo ambas vivenciadas de forma dinâmica, que passa, a partir de agora, a relatar.

4.3.1 Projeto Escudeiros¹²²

O primeiro relato trata do Projeto Escudeiros, elaborado e aplicado em cumprimento à disciplina de Metodologia de Atuação com Crianças e Jovens MPE–EST, em julho de 2010, com a Professora Dra. Gisela Streck. O Projeto Escudeiros, em síntese, vem sendo trabalhado desde então com cerca de 60 alunos e alunas diagnosticados com TDAH (Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade), da rede pública e privada em Vila Velha, ES.

Utiliza como ferramenta para o ensino de valores duas estratégias: a primeira é a utilização de instrumentos musicais de percussão com o objetivo motivador, pois o perfil destes educandos se configura em atividades que lhes sejam ao mesmo tempo físicas e sensoriais. Os instrumentos são utilizados uma vez por semana em turno contrário às atividades escolares, desde que sejam cumpridas as exigências da segunda estratégia, que designa a realização de uma série de atividades estudantis, todas vivenciadas durante uma semana, no lar e na comunidade, incluindo também leitura dirigida. O cumprimento das exigências corresponde a uma série de valores atitudinais e de prática cidadã do tipo: realizar as tarefas domésticas e os trabalhos escolares, manter arrumado o seu quarto, participar das atividades propostas em sala de aula de modo equilibrado e promover o bem-estar da comunidade onde está inserido. Estes dados, se praticados ou não, são anotados diariamente num relatório pessoal, entregue antecipadamente, e são visitados pelos seus pais e devolvidos no dia da convocação para as atividades musicais. Veja exemplo:

¹²² NOTA: A íntegra do Projeto Escudeiros e demais informações constam nos anexos. Cf Anexo A – Projeto Escudeiros.

Tabela de controle de atividades:

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda no afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

A cada semana, o processo se renova, inclusive com novos desafios e atividades a serem cumpridos, ocupando, assim, o tempo antes ocioso e introduzindo novos valores nas mentes das crianças. Além disso, há a grata satisfação de estarem conquistando algo antes tão difícil e desmotivador.

Os instrumentos musicais de percussão, por sua vez, quando utilizados pelos participantes do Projeto, seguem a disciplina da cadência de ordem unida, coreografias e, ao mesmo tempo, o ritmo da melodia desejada. Introduz assim, na mente dos meninos e das meninas, a obediência às regras musicais e, por inferência, motivando-os a absorverem o ritmo da vida com sua rotina e regras. O projeto foi idealizado a partir do referencial teórico da Linha Pedagógica Integralista para facilitar a abordagem de corpo, mente e espírito. Com isto, utilizou-se a metodologia Behaviorista para a execução das atividades, uma vez que atua através do reforço ao positivo na construção dos ideais propostos e motiva para refazê-los quando necessário.

4.3.2 Projeto Educando com Esperança

O Projeto Educando com Esperança¹²³ invoca os valores cristãos universais de forma explícita e inter-religiosa. Foi apresentado durante o ano letivo de 2011, com meninas e meninos do 3º ao 9º anos do Ensino Fundamental. Este projeto nasceu em face a uma demanda ocorrida pelos alunos e alunas em sua fase juvenil, provocados pela sua própria inteligência existencial, tal como descoberta por

¹²³ NOTA: A íntegra do Projeto Educando com Esperança e demais informações como lições constam nos anexos. Cf. Anexo B – Projeto Espiritual Educando com Esperança.

Gardner: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Em busca de soluções e de resultados, buscou-se várias dinâmicas com conteúdos bíblicos como histórias, debates e estudo de caso. De qualquer forma, o mais promissor foi a aplicação de um estudo bíblico aprofundando os temas em uma abordagem dinâmica e motivadora bem ao estilo da juventude.

O projeto foi idealizado a partir do referencial teórico da Linha Pedagógica Integralista, objetivando alcançar as três áreas, corporal, mental e espiritual. A metodologia aplicada na elaboração e na dinâmica da apresentação dos estudos bíblicos corresponde ao método dialético de Sócrates (maiêutica), com perguntas e respostas. Ao final, com alguns desafios e decisões a serem tomados frente ao aprendizado, foi elaborada uma série de doze estudos aplicados durante doze semanas consecutivas. Os temas das lições foram variados, conforme o valor que se queria dinamizar durante a semana, por exemplo:

- ❖ Obediência aos pais — é um tema que invoca valores familiares e de relações interpessoais. Neste estudo, os participantes aprenderam a ouvir as orientações dos seus progenitores, a elaborar e a seguir as regras do lar e a “conviver com os outros”;
- ❖ Solidariedade — é um tema que aborda o amor ao próximo e, ao mesmo tempo, ensina a compartilhar atenção, bondade (ações *antibullying*), cuidado e bens materiais. Neste caso, somente a apresentação e o debate do tema não são suficientes, deve-se “aprender a fazer”. Com esta conclusão, foi apresentada a necessidade de um ex-aluno da unidade escolar, que sofreu um acidente e jaz paralisado de forma inconsciente em sua cama. A família do rapaz fez um apelo para receber ajuda. Foram solicitadas fraldas descartáveis. Alunos e seus familiares orientados pela unidade escolar tomaram a iniciativa¹²⁴ e arrecadaram centenas de pacotes com fraldas descartáveis e encaminharam à família;
- ❖ Fé — este tema aborda uma necessidade que a inteligência existencial humana possui, sendo mais sensível e inquisitória na juventude. Neste assunto, deve-se, em primeiro lugar, “aprender a conhecer” o que é a espiritualidade e sobre o divino.

¹²⁴ NIE IBES. Disponível em: <<http://www.nieibes.com>>. Acesso em: 30 out. 2011.

Ao final, cada participante recebeu um certificado e deu um depoimento espontâneo sobre o seu aprendizado, o qual foi documentado através de um vídeo¹²⁵ e apresentado aos seus familiares. Em resposta, muitos pais agradeceram pelas lições recebidas e alguns se propuseram a dar também o seu depoimento, relatando que eles acabaram se envolvendo com o projeto e assimilando as lições sobre os valores espirituais que seus filhos e suas filhas haviam compartilhado. Percebeu-se que os resultados de ensino e alteridade foram conseguidos numa primeira etapa. Porém, é notório dar continuidade e refazer o trabalho educativo, uma vez que ele nunca está concluído. É exigente, mas recompensador.

4.4 ANÁLISE COMPARATIVA DA PESQUISA DE OPINIÃO: VALORES DOS JOVENS DE SÃO PAULO

Até aqui, foi descrito o que são valores, quantos são e como aplicá-los pedagogicamente. Porém, é necessário saber o que realmente pensa, pratica e planeja a juventude. Esta está finalizando a etapa da construção dos valores em sua vida, sob a influência e o esforço da educação formal, com a finalidade de observar e reconhecer se as diretrizes e as propostas deste trabalho serão assertivas.

As informações oriundas da pesquisa realizada com alunos e alunas da grande cidade de São Paulo – SP e aqui mencionadas, vale destacar, são dados extremamente preciosos, que estão à mão de todo o educador de valores e que precisam ser aproveitadas. Este trabalho de pesquisa irá interagir com a fonte em caráter exploratório e fazer breves comentários avaliativos pertinentes com dados previamente selecionados. Estes dados traduzem o interesse e compartilham semelhanças na perspectiva da proposta deste trabalho, tão somente. Para um melhor entendimento do que foi pesquisado¹²⁶ e como foi realizada a pesquisa de opinião, encontra-se abaixo, em primeiro lugar, o método utilizado. Em seguida, evidencia-se a análise dos resultados das amostras (pelos próprios autores), que foram eleitas para demonstração do objetivo aqui estipulado, seguidas de breves comentários:

¹²⁵ NIE IBES. Disponível em: <<http://www.nieibes.com>>. Acesso em: 30 out. 2011.

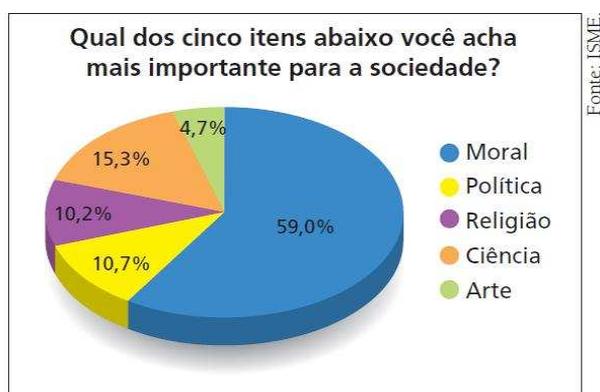
¹²⁶ Nota: A pesquisa foi financiada pelo Instituto SM para a qualidade educativa (ISME), criada e coordenada por Yves de La Taille e Elizabeth Harkot-de-La-Taille, aplicada e tabulada pelo Instituto de Desenvolvimento, Investigação e Avaliação Educacional (IDAE).

Sujeitos: 5.160 alunos de instituições de Ensino Médio da Grande São Paulo, sendo 2.160 de instituições particulares e 3.000 de instituições públicas. A idade média dos alunos entrevistados é de 15,76 anos. No total, 10,3% dos alunos têm 14 anos; 32,6%, 15 anos; 32,8%, 16 anos; 20,7%, 17 anos; 2,8%, 18 anos, e 0,8% tem mais de 18 anos. Instrumento: questionário de Avaliação do Plano Ético (APE, criado por La Taille, Y & Harkot-de-La-Taille). Esse instrumento, um questionário com alternativas, coloca aos sujeitos questões que podem ser classificadas em três grandes categorias: 1) eu/sociedade, com questões relacionadas às instituições e agentes institucionais; 2) eu/outrem, com questões relacionadas ao convívio nos espaços público e privado; e 3) eu/eu, com questões relacionadas a projetos de vida e confiança na sua realização. A aplicação foi realizada no primeiro semestre (março e abril) de 2005.¹²⁷

A participação da pesquisa aqui apresentada merece um destaque especial pela expressão numérica de alunos participantes em suas diferentes faixas etárias e pela quantidade de escolas públicas e particulares, retratando, desta forma, uma realidade social coerente. Outro fator relevante são os campos de interesses das categorias pesquisadas. Estão contemplados os setores privados e públicos, as principais instituições formadoras de valores: família, escola e igrejas e o indivíduo que é o principal personagem.

4.4.1 Ciência e Sociedade

A primeira amostra selecionada trata sobre: “ciência e sociedade: [...] pedimos que de cinco itens, entre os quais a ciência (os outros são moral, política, religião e arte), optassem pelo mais importante.”



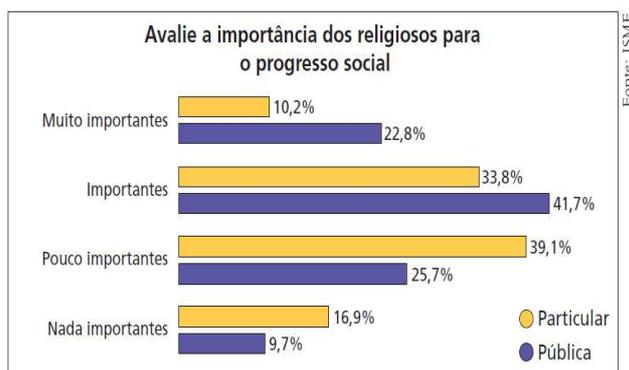
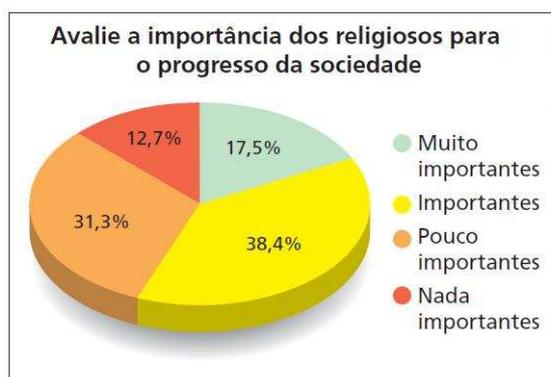
¹²⁷ LA TAILLE, Yves; LA TAILLE, Elizabeth Harkot-de. *Valores dos Jovens de São Paulo*. São Paulo: ISME, [2005]. Disponível em: <<http://www.metodista.br/actualiza/conteudo/material-de-apoio/didatico-pedagogico/palestras/valoresdosjovens.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

Análise dos resultados indicada pelos autores foi a seguinte: “Como se vê, [...] a moral recebeu maior número de respostas, seguido da ciência (15,3%). [...]”.¹²⁸

Aqui é notório perceber o reconhecimento por parte da juventude pela crise de valores que a atual sociedade pós-moderna passa. Observa-se uma divisão entre ciência e religião e, ao mesmo tempo, uma confusão entre moral, política e religião. A moral aparece como um valor em disparada, não pela sua presença no atual momento da sociedade, mas pela sua ausência e, é claro, influência.

4.4.2 Religião

A segunda amostra aborda a “religião: Avalie a importância dos religiosos para o progresso da sociedade.” Segue apresentação em dois quadros:



Análise dos resultados:

Como se vê, apenas pouco mais da metade da amostra total considera os religiosos muito importantes ou importantes. Note-se que o número de respostas ‘muito importantes’ é inferior àquele de ‘pouco importantes’. [...] Como se vê, há 20,5% a mais de alunos de escola pública que julgam os religiosos muito importantes e importantes para o progresso social.¹²⁹

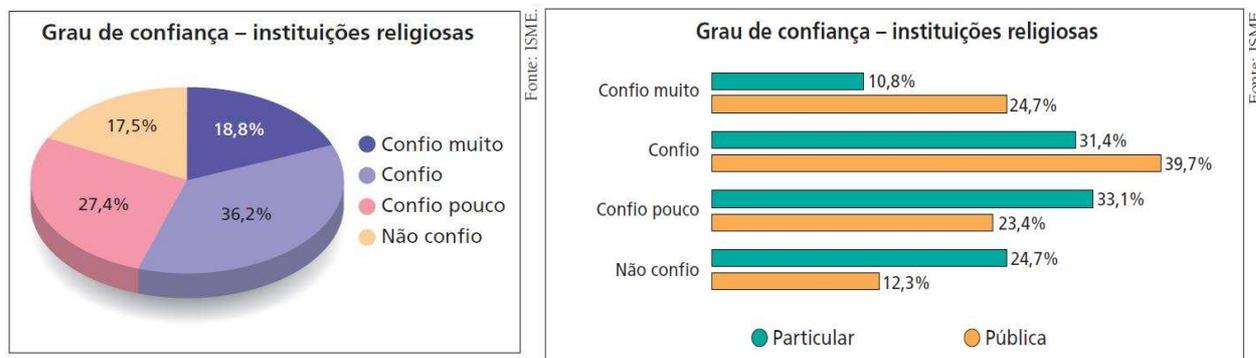
A religiosidade e a necessidade da interferência do religioso na vida pessoal são maiores nas unidades escolares da rede pública de ensino do que nas escolas particulares, sendo talvez muitas delas de ordem confessional. Em outras palavras, os religiosos e, em contrapartida, a religião são mais importantes para os alunos de classe social de menor poder aquisitivo.

¹²⁸ LA TAILLE; LA TAILLE, [2005].

¹²⁹ LA TAILLE; LA TAILLE, [2005].

4.4.3 Instituições religiosas: Grau de Confiança

A terceira amostra trata sobre as “instituições religiosas”: Avaliação do “Grau de confiança nas instituições religiosas.” Segue a apresentação em dois quadros:



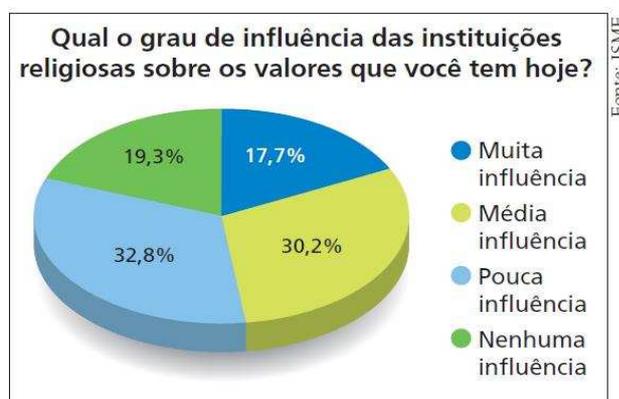
Análise dos resultados:

Na amostra total, pouco mais da metade (55%) ficou do lado da confiança e, portanto, 45% do lado da desconfiança. [...] Na escola particular, são mais numerosos os que confiam pouco ou não confiam nas instituições religiosas (57,8%) do que os que confiam (42,2). [...] ¹³⁰

Estes quadros confirmam os dados anteriores, porém, evidenciam um questionamento, uma vez que se repetem da seguinte forma: Os alunos das escolas particulares (muitas delas, supostamente, confessionais), em sua maioria não confiam nas instituições ou não confiam nos religiosos que as representam?

4.4.4 Instituições Religiosas: Grau de Influência

A quarta amostra trata sobre as “instituições religiosas”, sob a pergunta: “Qual o grau de influência das instituições religiosas sobre os valores que você tem hoje?”



¹³⁰ LA TAILLE; LA TAILLE, [2005].

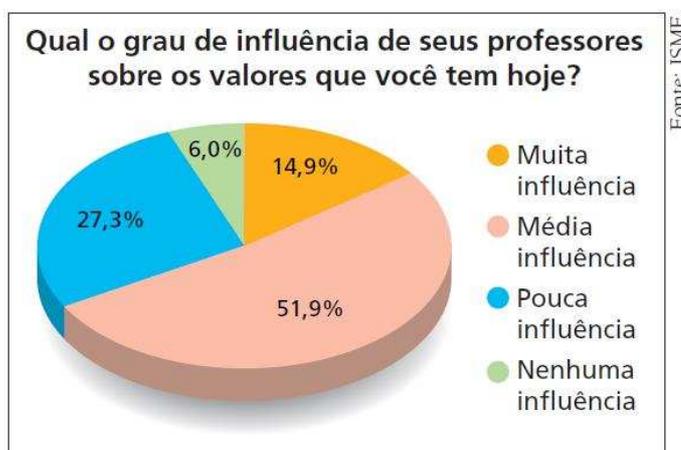
Análise dos resultados:

Na amostra total, 47,9% julgam que as instituições religiosas têm muita e média influência. [...] Entre os primeiros, 57,9% pensam ser influenciados pelas instituições religiosas (somando as respostas de muita e média influência); entre os segundos, a porcentagem fica apenas em 34%.¹³¹

Este quadro confirma que, apesar da desconfiança nas instituições religiosas e supostamente nos seus representantes, há um reconhecimento do trabalho relativo ao ensino de valores a estes jovens. Testifica também a importância da sua presença na sociedade, uma vez que a escola pública se apresenta com um ensino laico e, com esta diretriz, não possui uma filosofia de valores.

4.4.5 Influência Docente

A quinta amostra trata sobre a influência dos professores no ensino de valores. A pesquisa foi norteadada pela seguinte pergunta: “Qual o grau de influência de seus professores sobre os valores que você tem hoje?”



Análise dos resultados:

Entre os agentes sociais do espaço público, vê-se que os professores são vistos como tendo mais influência: 66,7%. [...] as instituições religiosas, 47,9% [...] Novamente, devemos notar que são poucos os sujeitos que pensam que os professores têm muita influência sobre seus valores (14,9%) e que quase um quinto da amostra pensa que eles têm pouca influência (27,3%). [...]¹³²

¹³¹ LA TAILLE; LA TAILLE, [2005].

¹³² LA TAILLE; LA TAILLE, [2005].

Neste ponto se confirma a tese de Antunes, quando diz que valores não se “adquire por osmose”.¹³³ O professor que apenas repassa o conteúdo curricular em termos de cognição e não busca apresentar valores de forma ativa e explícita, não será reconhecido como um educador de valores. Este quadro assim o demonstra.

4.4.6 Influência dos pais

A sexta amostra trata sobre a influência dos pais no ensino de valores: “Qual o grau de influência de seus pais sobre os valores que você tem hoje?”



Análise dos resultados:

Assim como aconteceu para o grau de confiança, é alto o número de opções pela alternativa ‘muita influência’ (67,6%). [...] A soma das respostas ‘muita influência’ e ‘média influência’, 92,7%, também supera largamente as porcentagens dos demais agentes sociais (os professores, segundos colocados, ficam com 66,7%). Em suma, a família, os pais ocupam um lugar positivo e de destaque para os alunos do Ensino Médio, e isso sem distinção de tipo de escola freqüentada.¹³⁴

Estes dados confirmam e estabelecem a instituição familiar e a figura dos pais como os maiores educadores de valores existentes. Mais próximo deste resultado estão os professores. Porém, a família é o agente que se estabelece em alto grau de influência e como agente formador. Percebe-se aqui a partir de qual viés as políticas públicas e os investimentos deveriam ser norteados com especial atenção: a instituição familiar.

¹³³ ALVES; ANTUNES, 2011, p. 17.

¹³⁴ LA TAILLE; LA TAILLE, [2005].

Análise geral das seis amostras oferecidas pela pesquisa do perfil do aluno do Ensino Médio da Grande São Paulo foi a seguinte:

1) Trata-se de um jovem otimista em relação ao progresso da sociedade, no século que se inicia, e também razoavelmente otimista quanto às chances de se realizar na vida. 2) Ele atribui grande confiança às pessoas de seu círculo privado (pais, amigos) e se sente por eles bem mais influenciado quanto a seus valores do que pela escola, pela mídia e pela religião. 3) Em compensação, o espaço público lhe aparece como ameaçador, pois nele enxerga mais adversários do que amigos e mais agressividade do que diálogo. 4) Ainda em relação ao espaço público, ele nutre uma grande desconfiança para com as instituições políticas e seus representantes. 5) Coerentemente, ele elege a moral como essencial para a sociedade, com particular destaque para a justiça, a honestidade e a humildade. 6) Em relação à escola, instituição cujo papel é fazer, para o aluno, a transição entre o espaço privado e o espaço público, ele atribui grande importância ao papel social dos professores e neles tende a confiar, pensa que nela aprende coisas importantes para o enfrentamento de problemas sociais e para seu desenvolvimento pessoal.¹³⁵

Em termos gerais, a análise da vida da juventude de São Paulo apresenta a sua realidade acadêmica, pessoal e familiar como resultado direto da carga de valores que recebeu nos últimos 15 a 17 anos do contexto social e cultural em que interagiu. No dizer de Marx, “[...] nenhum ser humano nasce pronto, mas o homem é, em sua essência, produto do meio em que vive que é construído a partir de suas relações sociais em que cada pessoa se encontra”.¹³⁶ Percebe-se, pelos resultados, que, entre o ideal e o real, existe um longo caminho a ser percorrido. O ensino de valores humanos não pode ser desconsiderado no currículo desde os primeiros anos da vida escolar das crianças. É importante o ensino do conhecimento físico, químico, biológico, humano e das artes. Porém, o ensino de valores como tema transversal no currículo se torna latente para o mundo atual. Não se transforma o ser humano se este não se sujeitar pelo coração! Contudo, ainda é extremamente necessário um olhar mais profundo em consideração à instituição familiar, sendo que é no seio familiar que ocorre a maior parte do ensino dos valores humanos universais e a sua encarnação na vida pessoal.

¹³⁵ LA TAILLE; LA TAILLE, [2005].

¹³⁶ MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. p. 106.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, restringe-se a evidenciar a crise de valores que hoje vive a humanidade como uma crise de valores de conceitos civis, éticos e morais. Isto porque, na atualidade, a humanidade vive à mercê da globalização, não só de produtos industrializados e da troca de informações e conhecimento, mas de um novíssimo produto que está invadindo os lares, as escolas e a vida de qualquer cidadão: a cultura dos povos. Nessa situação, o ser humano sente-se confuso e em crise, por não saber a que caminho ético seguir, pois, o que é válido para uma cultura, não é necessariamente válido para outra. Valendo-se desta conjuntura geradora de um mal-estar social e educacional, apresentou-se este trabalho com a intenção de explorar o significado de valores, o seu desenvolvimento histórico em caráter cívico e espiritual. Sugeriu-se uma proposta com tratativas e alternativas pedagógicas para serem aplicadas de forma inter-religiosa em alunos do Ensino fundamental na disciplina do Ensino Religioso. Faz-se algumas considerações finais, não com a intenção de esgotar o assunto, mas apenas para uma sólida reflexão sobre o tema dos valores humanos universais em três tempos.

Num primeiro momento, foi exposto e entendido como valores universais ou pessoais tudo o que possa ser desejado, aprovado e preferido para a construção da civilidade, cidadania e desenvolvimento ético e moral do ser humano. Ambos, os valores universais e pessoais, apesar de se apresentarem de forma diferente, se completam. O ser humano pensa e age em seu meio em termos universais. E isto acontece tanto por valores de ordem natural quanto de ordem espiritual, uma vez que a humanidade, historicamente, é guiada de forma consciente e inconsciente por duas forças — a ciência e a religião — pelo empirismo e pela fé. Ao passo que um, pela metafísica, descobre, analisa e ordena os valores de forma lógica e racional, o outro sente, reconhece e explica a sua relação com o transcendente através dos mitos e, então, elabora os seus valores pela teologia. Assim, por um lado, do ponto de vista espiritual, muito do que existe são adequações da própria mente do ser humano para organizar e dar sentido a vida, de modo que, muito do que existe não deveria haver. Por outro lado, do ponto de vista da ciência, muito do que não existe deveria ser descoberto.

Esta dialógica entre ciência e religião acontece através da elaboração de códigos, leis e tradições. Estas têm permitido a humanidade a promover a sua sobrevivência e a dar segurança e ordem ao meio social, gerando cultura. Este diálogo entre ciência e religião acontece na atualidade e se torna possível através da prática pedagógica. Tanto um quanto outro ensinam e debatem o que é imaginário e real de forma a contribuir para o aperfeiçoamento e o crescimento da humanidade. Em termos de valores universais, sejam eles de ordem natural ou espiritual, pode-se entender, apreciar e vivenciar sem uma análise holística, visto que não se pode analisar e muito menos aplicar um valor apenas pelo ideal. É necessário existir no meio social. A história tem confirmado este ponto, uma vez que os valores se reproduzem de forma universal pela necessidade do seu ambiente social e pela interação entre si e outras culturas. Desta forma interagiram os grandes filósofos desde Sócrates, Platão, Aristóteles e demais pensadores e teólogos da antiguidade até os filósofos e teólogos modernos como os pós-modernos: deve-se pensar e avaliar os valores acerca da sua realidade como um todo.

Outro fator importante que deve ser considerado aqui é de que, tanto na cultura oriental quanto ocidental, os valores espirituais despontam na preferência geral dos povos em comparação aos demais valores universais; talvez, porque o ser humano se vê como produto mais valioso do meio natural e se reconhece de modo a idealizar para si valores que o irão ajudar a desenvolver habilidades e competências que o capacitem a dominar o seu ambiente. Ou pode ser também porque transgredir de forma consciente a ponto de dominar valores naturais lhe dê prazer, ou ainda porque lhe seja louvável, e de reconhecimento coletivo dialogar com certas leis e códigos naturais para subjugar-los com inteligência e bom senso. Por exemplo: saltar de pára-quedas de um avião a uma altitude apropriada e segura, realizar uma viagem espacial, manipular o genoma humano, animal e vegetal utilizando-se de alta tecnologia.

As pesquisas de opinião comprovam coletivamente que as experiências em seguir os valores espirituais preenchem o vazio existencial do ser humano e respondem seus questionamentos do tipo: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Qual é propósito de eu existir? As respostas dos valores universais espirituais interpretam em conjunto estes fatos tanto materialmente quanto mentalmente. Desta forma, dão-lhes segurança e bem-estar social, preparando, inclusive, o seu ambiente último, atributos estes sintetizados pela fé. Pode-se interpretar também que a

primazia pelos valores espirituais se dá por conta, de que viver uma vida espiritual é sintetizar em comum o que se tem de melhor para ser vivido. E o melhor dos valores espirituais é o amor genuíno. Deste surgem os valores espirituais revelados pelo divino em seu decálogo e demais orientações. Agregado a estes, seguem os demais valores universais descobertos e produzidos em toda a história da humanidade. Assim, aquele que deseja viver os valores espirituais vive também os demais valores universais, não por mero ideal, mas por integridade espiritual. Como resultado de todo o processo e a somatória entre os valores espirituais e os demais valores universais produzidos pela humanidade, o indivíduo se educa, se torna civilizado e pronto para produzir e viver na *polis* em comunidade, desmentindo a lógica antropológica de que os valores naturais contrariam os valores espirituais.

Por fim, considera-se que, através da educação, o ensino dos valores universais com ênfase nos valores espirituais aplicados de forma explícita em crianças e adolescentes durante a sua passagem pelo ensino fundamental seja, sem demora, um propósito a ser levado em consideração. É sabido que não será possível cumprir essa proposta por completo, mas é possível fazer mais do que se tem feito. Pode-se ir além, evitando o erro de deixar fora do currículo tão importante conteúdo como os valores universais e espirituais da humanidade. Pode-se ir além e aproveitar a oportunidade relativa ao tempo da formação destes meninos e meninas. Ir além significa aqui se tornar um educador no mais alto grau, permitir, em primeiro lugar, viver os valores que se deseja repassar à juventude. Afinal, nenhuma exposição formal ou definição atingirá o seu propósito, pois a definição e o conceito têm um propósito apenas didático. O exemplo é um propósito mais que humano — o de transformação do ser. O professor que se recusa a se tornar em um educador de valores, torna-se, aos poucos, apenas mais um professor. O alvo, o ponto central, o objetivo supremo de todo educador, de fato, não são apenas os aspectos cognitivos apresentados em sala de aula com extrema perícia e competência para “encher a sua cabeça”, isto é, que contarão para sua educação das crianças. A chave aqui é a quantidade de valores que se conseguiu transmitir e demonstrar para os seus alunos durante o dia letivo para “transformar o seu coração” e, assim, construir em conjunto com eles um mundo melhor. O valor para ter valor precisa fazer parte da pessoa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Deilson Storch de. *O Pai nosso antológico: a mensagem da oração do Senhor à luz da filosofia e da ciência e segundo os grandes autores e expoentes cristãos*. 3. ed. Vitória: Gráfica e Editora GSA, 2010.

ALVES, José Carlos Moreira. *Direito Romano*. 6. ed. São Paulo: Forense, 1987.

ALVES, Rubem; ANTUNES, Celso. *O aluno, o professor, a escola: uma conversa sobre educação*. Campinas: Papirus; 7 Mares, 2011.

ANTUNES, Celso. *Por que ensinar valores?* 01 jun. 2004. Disponível em: <http://www.celsoantunes.com.br/pt/textos_exibir.php?tipo=TEXTOS&id=11>. Acesso em: 23 out. 2011.

ARNAUT, Cezar; BERNARDO, Leandro Ferreira. Virtù e Fortuna no pensamento político de Maquiavel. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 24, n. 1, p. 91-102, 2002.

ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MATOS, Giraldo Mauro de. Virtude. In: BORTOLETO FILHO, Fernando; SOUZA, José Carlos de; KILPP, Nelson (Orgs.). *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 1028-1030.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEUST, Luis H. O valor dos valores na educação. *Revista Diálogo*, São Paulo, ano X, n. 37, p. 14-18, fev. 2005.

BOFF, Leonardo. *O Pai nosso: a oração da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1979.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. *Psicologia e desenvolvimento humano*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARREL, Alexis. *O homem perante a vida*. Porto: Educação Nacional, 1950.

CATÃO, Francisco. Valores e religião. *Revista Diálogo*, São Paulo, ano X, n. 37, p.20-23, fev., 2005.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: Edição típica vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. 19. ed. São Paulo: Gente, 2004.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Adotada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm> Acesso em: 21 out. 2011.

DELORS, Jacques. Da Comunidade de Base à sociedade mundial. In: DELORS, Jacques et. al. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999. p. 35-50.

_____. Os quatro pilares da educação. In: DELORS, Jacques et. al. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999. p. 89-102.

DEMO, Pedro. *Habilidades e competências: no século XXI*. Porto Alegre: Mediação, 2010.

DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006.

EMPINOTTI, Moacyr Caetano. *Os valores a serviço da pessoa humana*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GARDNER, H. Novas conclusões em sua teoria sobre as capacidades humanas. *Revista Nova Escola*, São Paulo, n. 105, set. 1997. Disponível em: <<http://novaescola.abril.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GREGGERSEN, Gabriele. O protestantismo e os valores éticos. *Mirandum*, Ano 8, n. 15, 2004. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand15/gabriele.htm>>. Acesso em: 23 out. 2011.

HERMAS. *O Pastor*. Disponível em: <<http://bibliotecacrista.com.br/?p=414#more-414>>. Acesso em: 17 set. 2011.

KNELLER, George F. *Introdução à filosofia da educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

LA TAILLE, Yves de; LA TAILLE, Elizabeth Harkot-de. *Valores dos Jovens de São Paulo*. São Paulo: ISME, [2005]. Disponível em: <<http://www.metodista.br/atualiza/conteudo/material-de-apoio/didatico-pedagogico/palestras/valoresdosjovens.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

LA TAILLE, Yves de. Ética: direitos, deveres e virtudes. *Revista Pátio*, Porto Alegre, ano 4, n. 13, p.7-10, maio/jun. 2000.

LALOUP, Jean; NÉLIS, Jean. *Cultura e civilização: iniciação ao humanismo histórico*. São Paulo: Editora Herder, 1966.

LOBATO, Monteiro. A cartilha do Polegar. *Obras completas*. São Paulo: Brasiliense, [s.d.]. v. 4.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. 6. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MASLOW, Abraham H. *Introdução à psicologia do ser*. 2. ed. Rio de Janeiro: Eldorado, [s.d.].

MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução a ética cristã*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

MORENO, Izquierdo Ciríaco. *Educar em valores*. São Paulo: Paulinas, 2001.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

NIE IBES. Disponível em: <<http://www.nieibes.com>>. Acesso em: 30 out. 2011.

NISTO CREMOS: 27 ensinamentos bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismo e anti-humanismos*: introdução à antropologia filosófica. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

PAPADOPOULOS, George S. Aprender para o Século XXI. In: DELORS, Jacques (Org.). *Educação para o século XXI*: questões e perspectivas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 19-34.

RÉMOND, René. Ensino da História e da Cidadania. In: DELORS, Jacques (Org.). *Educação para o século XXI*: questões e perspectivas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 258-267.

RODRIGUES, Carla; SOUZA Herbert. *Ética e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1994.

SCHNEIDER, Alberto Atalíbio. Valores e contravalores da juventude. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v.15, fasc. 69, p. 8-29, 1985.

SETE Virtudes. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sete_virtudes>. Acesso em: 21 out. 2011.

SILVA, Leonice M. Kaminski da. Existe uma inteligência existencial/espiritual? O debate entre H. Gardner e R. A. Emmons. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 47-64, 2001. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv3_2001/p_silva.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade*: uma introdução às teorias de currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STERN, David H. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. São Paulo: Templus, 2008.

TOYNBEE, Arnold. *A sociedade do futuro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

VELOSO, Eurico dos Santos. *Fundamentos filosóficos dos valores no ensino religioso*. Petrópolis: Vozes, 2001.

WEBER, Otávio José. Valores manifestados por alunos do 3º grau e professores universitários – implicações para uma educação de valores. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, PUCRS, 1991.

ZABALZA, Miguel. Como educar em valores na escola. *Revista Pátio*, Porto Alegre, ano 4, n. 13, p.21-24, maio/jul. 2000.

ZILLES, Urbano. *Didaqué: ou a doutrina dos Apóstolos*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ANEXO A – PROJETO ESCUDEIROS

PROJETO ESCUDEIROS

Apresentação

Atividade dirigida através de uma banda marcial a um grupo de cerca 60 crianças e adolescentes, utilizando a atividade musical como auxiliar no tratamento da TDAH (Transtorno e Déficit de Atenção e Hiper Atividade), desenvolvendo valores sócios afetivos, autodisciplina e cidadania. O grupo de crianças e adolescentes é misto em gênero e com idades aproximadas entre 08 a 14 anos, oriundos a convite para participarem do projeto de diversas escolas da rede pública e particular da cidade de Vila Velha ES, que apresentam quadro de TDAHI.

Justificativa

O Projeto Escudeiros se justifica pelo fato de:

- ❖ Não haver nenhuma ação impactante e específica em nível de interesse dos TDAH nas suas escolas de origem; e que neste contexto apresentam um quadro de exclusão de um modo geral.
- ❖ A criança com TDAH necessita diariamente treinar o controle no que diz respeito ao seu comportamento, com o propósito de realizar as atividades rotineiras. Para que isto aconteça com maior sucesso, deve-se utilizar o reforço positivo behaviorista, combinado com punições e/ou restrições, melhorando assim sua resposta e atenção;
- ❖ A atividade proposta pelo projeto através de uma banda marcial requer um alto grau de disposição e energia para a sua execução e desenvolvimento, logo se torna numa ótima ferramenta para se trabalhar as debilidades motoras, atitudinais e de concentração dos educandos.

O referencial teórico e a metodologia

O referencial teórico a ser aplicado ao grupo será a da Linha Integralista, uma vez que se propõe a trabalhar os seus agremiados de forma física, mental e emocional, aliado a metodologia behaviorista do reforço positivo; através de atividades semanais terapêuticas. Sendo elas, atividades de aprendizagem teóricas e práticas musicais/marciais, sendo:

- ❖ Atividades semanais terapêuticas - serão propostas em forma de desafios de rotina e de habilidades e competências para todos os participantes, que havendo cumprimento satisfatório receberão promoções de graduação dentro do grupo. As avaliações serão feitas trimestralmente. O aluno receberá a primeiramente a investidura através de um bôtnão de Escudeiro (termo genérico) de nível I, II, III, em segundo de Cavaleiro/Amazonas de nível I, II, III, a terceira de Tutor/Tutora de nível I, II, III;

Relatório semanal terapêutico

São propostas em forma de desafios de rotina e de habilidades e competências para todos os participantes, que havendo cumprimento satisfatório receberão promoções de graduação dentro do grupo. As avaliações serão feitas trimestralmente:

❖ NÍVEL DE ESCUDEIRO

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE ESCUDEIRO I

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE ESCUDEIRO II

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							
Recoltar 1kg/dia de alimento não perecível para doação							

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE ESCUDEIRO III

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							
Recolter 12 (doze) brinquedos para doação							
Preparar 03 variedades sanduíches saudáveis com suco ou vitamina							

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE CAVALEIRO/AMAZONAS

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							
Realizar 03 ações de combate a Dengue (casa e 02 vizinhos)							
Participar de curso anti bullying							
Participar de curso de etiquetas e boas maneiras							

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE CAVALEIRO/AMAZONAS I

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							
Realizar 03 ações de combate a Dengue (casa e 02 vizinhos)							

Participar de curso anti drogas							
---------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE CAVALEIRO/AMAZONAS II

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							
Realizar 03 ações de combate a Dengue (casa e 02 vizinhos)							

Participar curso de administração e cuidado do lar							
--	--	--	--	--	--	--	--

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE CAVALEIRO/AMAZONAS III

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							
Realizar 03 ações de combate a Dengue (casa e 02 vizinhos)							

Participar de primeiros socorros							
----------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE TUTOR/TUTORA

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							
Realizar 03 ações de combate a Dengue (casa e 02 vizinhos)							

Participar de curso de recreacionista							
---------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE TUTOR/TUTORA I

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							
Realizar 03 ações de combate a Dengue (casa e 02 vizinhos)							

Participar curso sobre afetividade e sexualidade							
--	--	--	--	--	--	--	--

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE TUTOR/TUTORA II

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajuda afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							
Realizar 03 ações de combate a Dengue (casa e 02 vizinhos)							

Visitar 01 asilo ou orfanato durante 05 dias							
--	--	--	--	--	--	--	--

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

❖ NÍVEL DE TUTOR/TUTORA III

Atividades	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Pontos	Visto
Higiene pessoal							
Arrumar seu quarto							
Obediência casa/escola							
Lição de casa							
Ajudar afazer doméstico							
Leitura dirigida diária 30'							
Reciclar o lixo de casa							
Realizar 03 ações de combate a Dengue (casa e 02 vizinhos)							
Realizar prova de arvorismo							
Encaminhar, ajudar e acompanhar 01 analfabeto adulto ao EJA							

Legenda: **S** = sim; **N** = não.

Proposta pedagógica

Visão

Ser um programa de auxílio para crianças e jovens com TDAH reconhecido, por agir com princípios éticos e de forma inovadora.

Missão

Promover através de ações educativas prazerosas o desenvolvimento harmônico de seus agremiados, transformando em cidadãos pensantes e úteis a sociedade.

Objetivos

Partindo do pressuposto de que o Projeto Escudeiros pretende trabalhar as áreas emocionais, mentais e físicas de seus agremiados utilizando para tanto a Linha Integralista de Ensino se propõe a alcançar os seguintes objetivos:

- ❖ Promover os hábitos de higiene pessoal, cuidados do lar e da saúde individual e coletiva livre de doenças e de drogatização;
- ❖ Incentivar a leitura individual e a pesquisa para novas descobertas e aprendizagem, favorecendo assim o desenvolvimento crítico e criativo;
- ❖ Estimular o uso da energia corporal para desenvolvimento dos dons artísticos musicais através da banda marcial;
- ❖ Incentivar, a seu tempo e maturidade, desafios e procedimentos terapêuticos de conduta e de autoafirmação para produzir valores pessoais e coletivos de conduta, sócios afetivos, sexuais e de concentração e coordenação motora;
- ❖ Incentivar o “aprender a conhecer, fazer, viver com o outro e ser”¹ por completo de uma tarefa por si mesmo, promovendo sentimento de aceitação e de segurança;

CURRÍCULO

1ª FASE ESCUDEIRO – NÍVEL I, II E III

Módulo I – Escudeiro Formação Básica e Níveis I, II e III			
Componentes Curriculares	Total Horas	Mês/Data	Total Pontos
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, hábitos de estudo e leitura dirigida; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	26/05 – 30/06/10	60
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, lixo seletivo, reciclagem do lixo doméstico, hábitos de estudo e leitura dirigida; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	30/06 – 28/07/10	60
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, lixo seletivo, recolta de alimentos e leitura dirigida; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	28/07 – 01/09/10	60
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, lixo	12h/a	01/09 –	60

¹ DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999. p. 89.

seletivo, hábitos de estudo e leitura dirigida, recolha de alimentos, preparo de sanduíches; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.		29/09/10	
Total Geral de Horas Módulo I	48h/a		

Legenda: ADT: Atividades de Desafio e Terapêuticas; TM: Terapia Musical.

2ª FASE CAVALEIRO/AMAZONAS – NÍVEL I, II E III

Módulo II – Cavaleiro/Amazonas Formação Básica e Níveis I, II e III			
Componentes Curriculares	Total Horas	Mês/Data	Total Pontos
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, lixo seletivo, hábitos de estudo e leitura dirigida, combate a dengue, curso de boas maneiras; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	29/09 – 06/10/10	60
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, hábitos de estudo e leitura dirigida, lixo seletivo, combate a dengue, curso anti drogas; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	06/10 – 20/10/10	60
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, lixo seletivo, hábitos de estudo e leitura dirigida, combate a dengue, curso de cuidados do lar; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	20/10 – 03/11/10	60
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, lixo seletivo, hábitos de estudo e leitura dirigida, combate a dengue, curso primeiros socorros; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	03/11 – 17/11/10	60
Total Geral de Horas Módulo II	48h/a		

Legenda: ADT: Atividades de Desafio e Terapêuticas; TM: Terapia Musical.

3ª FASE TUTOR/TUTORA – NÍVEL I, II E III

Módulo III – Tutor/Tutora Formação Básica e Níveis I, II e III			
Componentes Curriculares	Total Horas	Mês/Data	Total Pontos
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, lixo seletivo, hábitos de estudo e leitura dirigida, combate a dengue, curso de recreacionista; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	17/11 – 01/12/10	60
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, lixo seletivo, hábitos de estudo e leitura dirigida, combate a dengue, curso de afetividade e sexualidade; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	01/12 – 15/12/10	60
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, lixo seletivo, hábitos de estudo e leitura dirigida, combate a dengue, e visita a orfanato ou asilo; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	02/02/11- 16/02/11	60
ADT: Higiene pessoal, cuidado do lar, lixo seletivo, hábitos de estudo e leitura dirigida, combate a dengue, prova de arvorismo, encaminhamento para alfabetização de um adulto ; TM: Iniciação musical e instrumental, ordem unida com evoluções e coreografias.	12h/a	16/02 – 02/03/11	60
Total Geral de Horas Módulo III	48h/a		

Legenda: ADT: Atividades de Desafio e Terapêuticas; TM: Terapia Musical.

Código de Ética

Direitos

Além daqueles que lhe são outorgados por legislação específica são direitos dos agremiados:

1º - Participar ativamente de todas as atividades que lhe forem atribuídas para seu crescimento pessoal e intelectual;

2º - Ser tratado com respeito e atenção pelos professores, instrutores, monitores e colegas sem sofrer qualquer tipo de discriminação ou *bullying*;

3º - Acessar e perguntar livremente sobre qualquer informação necessária a sua função, eventos e participação;

4º - Utilizar os equipamentos designados visando o seu completo domínio e cuidados;

5º - Participar a convite de excursões e atividades culturais, bem como das apresentações oficiais com os demais agremiados;

6º - Votar e ser votado para exercer função de liderança dentro do seu grupo de ação ou quando na escolha de nova direção geral;

7º - Requerer cancelamento da matrícula quando maior de idade ou quando menor de idade, através de seu responsável legal;

8º - Utilizar o seu próprio instrumento musical, após autorização específica da direção geral.

Deveres

Além daqueles que lhe são outorgados por legislação específica são direitos dos agremiados:

1º - Respeitar e reconhecer a autoridade da direção e demais do corpo docente e funcionários;

2º - Contribuir para o prestígio, reputação e boa imagem do Projeto;

3º - Observar a pontualidade das aulas, ensaios, saídas e demais atividades;

4º - Apresentar documentos, atividades terapêuticas e credencias quando forem solicitados pela direção ou professores e funcionários;

5º - Cumprir cabalmente com as tarefas, desafios das atividades terapêuticas designadas;

6º - Participar animadamente das aulas, ensaios, mutirões e apresentações individualmente e em grupo;

7º - Apresentar-se devidamente trajado, com asseio corporal e uniformizado durante as aulas, ensaios e apresentações;

8º - Zelar e fazer uso devido dos instrumentos designados, bem como das dependências que serão utilizadas;

9º - Não fazer uso de fumo, bebidas alcoólicas e outros tipos de narcóticos quando em aula, ensaios e apresentações e mesmo de forma particular e pessoal;

10º - Casos omissos ou que surgirem serão tratados de forma particular e pessoal diretamente com o agremiado e seu responsável legal.

Faltas graves

1º - Desrespeito a autoridade do diretor, professores e demais funcionários e agremiados;

2º - Causa de danos aos instrumentos ou patrimônio a terceiros;

3º - Promover o incitamento coletivo ou em grupo, participar de atos de rebeldia, se envolver em ações de violência explícita ou simbólica, inclusive aquelas ligadas de natureza racista ou pejorativas a gênero ou debilidades físicas e ações de *bullying*;

4º - Praticar furto ou ação viciosa;

5º - Praticar atos indecorosos, libidinosos, inclusive abraçar e beijar de forma sensual.

Sanções disciplinares

Por inobservância de seus deveres e de acordo com a gravidade da falta, os agremiados serão passíveis das seguintes penalidades:

1º - Diálogo – promovido e de inteira competência do professor ou funcionário em que o ato disciplinar ocorreu de forma particular e reservada com o agremiado;

2º - Advertência – promovido por escrito aos responsáveis e relatando o fato em livro Atas de Ocorrências de forma particular e reservada com o agremiado;

3º - Repreensão – promovido pelo diretor geral de forma oral e registrado no livro de Atas de Ocorrências em conjunto com os responsáveis de forma particular e reservada com o agremiado;

4º - Suspensão das aulas, ensaios e apresentações – promovido pelo diretor geral pelo prazo máximo de 03 (três) encontros, registrados no livro de Atas de Ocorrências de forma particular e reservada com o agremiado;

5º - Cancelamento das atividades compulsoriamente – promovido pelo diretor geral em conjunto com professores, funcionários e os responsáveis pelo agremiado de forma particular e reservada.

Lema/grito de guerra

O Lema ou o Grito de Guerra dos participantes será apresentado de forma dual, ou seja, o Professor dirá: **“Sempre avante!”** e os componentes responderão: **“Hei de vencer!”** O Lema será sempre declarado no início e ao final das atividades.

Objetivos principais do projeto

Os três objetivos principais a serem alcançados pelo Projeto Escudeiros serão:

- ❖ Incluir o agremiado a seu meio social e familiar de forma a ser admirado por seu potencial humano e talento;
- ❖ Inserir o agremiado a um grupo que por igual busca o seu espaço em afirmação e superação de ideais;
- ❖ Desenvolver nos seus agremiados, melhoras significativas nos aspectos atitudinais e cognitivos não só no meio escolar, como também familiar e social.

RECURSOS FINANCEIROS

Os recursos financeiros virão da taxa anual paga pelos pais ou responsáveis legais dos agremiados por ocasião da matrícula, para a compra de equipamentos, instrumentos e manutenção do Projeto. Doações e contribuições voluntárias, também serão aceitas. Os professores e monitores farão trabalho voluntário.

FOTOGRAFIAS DO PROJETO



PREPARO DOS INSTRUMENTOS



PREPARO DOS INSTRUMENTOS



ENSAIOS



AULA TÉCNICA



DOAÇÕES



DOAÇÕES



ALUNOS DESTAQUE DO PROJETO ESCUDEIROS



Banda Marcial - Escudeiros

Ficha Cadastral / Matrícula

Dados do Aluno:

Nome: _____ Data _____ Nasc.: ____/____/____
 Ano: _____ Nacionalidade: _____ Sexo: [] Masculino [] Feminino
 Endereço: _____ Complemento: _____ Bairro: _____
 _____ Cidade: _____ UF: _____ CEP: _____ Cert. _____
 Nasc.: _____ Ident./O.Exp: _____ UF: _____ Emissão ____/____/____
 E-Mail: _____ Tipo de Sangue/Fator RH: _____
 Religião: _____ Convênio SAÚDE: _____
 Telefones: _____

Dados do Pai

Nome: _____ Data _____ Nasc.: ____/____/____
 Nacionalidade: _____ Estado Civil: _____
 Endereço: _____ Complemento: _____ Bairro: _____
 _____ Cidade: _____ UF: _____ CEP: _____
 Ident./O.Exp: _____ UF: _____ Emissão ____/____/____ CPF: _____
 E-Mail: _____ Religião: _____
 Telefones: _____
 Local de Trabalho: _____

Dados da Mãe

Nome: _____ Data _____ Nasc.: ____/____/____
 Nacionalidade: _____ Estado Civil: _____
 Endereço: _____ Complemento: _____ Bairro: _____
 _____ Cidade: _____ UF: _____ CEP: _____
 Ident./O.Exp: _____ UF: _____ Emissão ____/____/____ CPF: _____
 E-Mail: _____ Religião: _____
 Telefones: _____
 Local de Trabalho: _____

Dados do Responsável Legal

Nome: _____ Data _____ Nasc.: ____/____/____
 Nacionalidade: _____ Estado Civil: _____
 Endereço: _____ Complemento: _____ Bairro: _____
 _____ Cidade: _____ UF: _____ CEP: _____
 Ident./O.Exp: _____ UF: _____ Emissão ____/____/____ CPF: _____
 E-Mail: _____ Religião: _____
 Telefones: _____
 Local de Trabalho: _____

Autorização de Participação

Autorizo o menor acima citado a participar nas atividades desenvolvidas pelo Projeto Escudeiros.

Moisés Manir Sarquiz
 Diretor

Assinatura Responsável Legal

Data: ____/____/____

ANEXO B – PROJETO ESPIRITUAL EDUCANDO COM ESPERANÇA

PROJETO ESPIRITUAL EDUCANDO COM ESPERANÇA

Apresentação

O projeto espiritual – Educando com Esperança – segue o modelo de uma classe convencional, porém apresentada de forma inovadora e dinâmica, que resgata significativamente o ensino de valores espirituais e apresenta-se como um diferencial no processo educativo de seus estudantes em comparação ao ensino secular. Os temas apresentados têm seus conteúdos apresentados em lições que se adaptam ao requisito legal (Brasil) da Lei 9.475 de 22 de julho de 1997, indicado no final do seu Art. 33 que são “[...] vedadas quaisquer formas de proselitismo.” O seu conteúdo de 12 lições é interconfessional, invocando tão somente, valores espirituais e princípios de vida universais referentes as tratativas das questões existenciais clássicas pós-modernas do tipo: Quem sou? De onde vim? Para onde vou?

Justificativa

Justifica-se o projeto espiritual – Educando com Esperança - por suprir duas lacunas no que diz respeito ao ensino de valores universais principalmente no contexto da educação confessional:

- ❖ Uma necessidade de fortalecer a mente juvenil através do ensino dos valores espirituais em contrafacção à força da mídia e da sua produção de modelos materialistas e imediatistas. Porque conforme White²: “Na infância, o espírito é facilmente impressionado e amoldado, e é então que os meninos e meninas devem ser ensinados a amar e honrar a Deus.” Em contra partida White³ nos fornece o elemento para tais tratativas: “A Bíblia deve ser o primeiro manual da

² WHITE, Ellen G. *Orientação da Criança*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.p. 486.

³ *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000. p. 108 e 109;

criança. [...] Incutindo-se-lhes os seus princípios, devem elas aprender a fazer justiça e juízo.”

- ❖ Como também, cumprir de forma integral os PCN (Parâmetros Curricular Nacional), ensinando não só o conhecimento científico, mas conteúdos de natureza espirituais. Não se pode negligenciar a oportunidade para se transformar vidas. Com responsabilidade e cuidado deve-se cumprir com a honrosa missão do educador de valores. White⁴ afirma que neste segmento o trabalho precisará ser criterioso:

O Senhor não é glorificado quando as crianças são negligenciadas e passadas por alto... Elas necessitam mais do que um preparo casual, mais do que uma ocasional palavra de animação. Precisam de trabalho diligente, cuidadoso, apoiado pela oração. O coração pleno de amor e simpatia alcançará o coração dos jovens aparentemente descuidados e sem esperança.

Entende-se com estas palavras, que cumprir fielmente com a missão de educador de valores, significa colocar todo o conhecimento e discernimento pedagógico em favor e a disposição da axiopraxia.

Referencial teórico

A elaboração do conteúdo das lições seguiu-se dentro do referencial teórico da Linha Integralista. Na preparação do corpo das lições, fez-se uso do método dialético de Sócrates, com perguntas e respostas diretas com o objetivo de provocar desafio e reflexão, sendo bem próprias para a faixa etária em questão. Para a confirmação da aprendizagem utilizou-se de ferramentas lúdicas como: cruzadinhas, associações, labirinto, cruzadinhas, falso e verdadeiro, etc...

Objetivos

Os objetivos com o projeto espiritual Educando com Esperança são bem explícitos e definidos em:

⁴ WHITE, Ellen G. *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010. p. 77.

- ❖ Resgatar o ensino de valores espirituais;
- ❖ Quebrar paradigmas e preconceitos inter-religiosos;
- ❖ Ensinar valores espirituais de forma inovadora e atraente para toda comunidade escolar;
- ❖ Vivenciar experiência teórica referentes à pesquisa apresentada no trabalho final do MPE – EST 2011 com o título: A prática educativa de valores humanos universais através do ensino religioso com crianças e adolescentes do ensino fundamental.

Estratégia de aplicação – público alvo, local e ensino

A estratégia de aplicação do projeto poderá ocorrer em duas frentes institucionais: rede confessional e pública de ensino sendo:

- ❖ A primeira frente de aplicação será dentro da unidade escolar iniciadora do projeto;
- ❖ A segunda frente poderá ser estendida para as unidades escolares vizinhas;
- ❖ A aplicação e o ensino das doze lições se darão com juvenis e adolescentes do nível escolar correspondente do 3º ao 9º Ano do Ensino Fundamental, em horário estipulado pela unidade escolar;
- ❖ A aplicação e coordenação do projeto deverão ficar a cargo do Professor de Ensino Religioso da unidade escolar a que pertence.

Cronograma

O cronograma de aplicação, tanto nas unidades escolares da rede pública e particular de ensino, poderá ser realizado em qualquer momento do ano, visto não conter nada que atrapalhe o Calendário Escolar.

Apresentação de alguns modelos das lições utilizadas para o apoio pedagógico no ensino dos valores espirituais



Educando com
Esperança



A Oração

PARA RESPONDER E REFLETIR

1. **Que pedido os discípulos de Jesus fizeram?** Lucas 11:1

2. **Em nome de quem devemos pedir ao orar?** João 14:13 e 14

3. **Qual é a certeza que Jesus deu de que Ele ouve as nossas orações?**
Mat. 7:7 e 8

4. **Que condições Deus requer para atender as nossas orações?**
 - a. Heb. 11:6

 - b. I João 3:21 e 22

5. **O que Jesus disse que o cristão sempre deve fazer?** Lucas 18:1

EDUCAÇÃO
ADVENTISTA

CONFIRMAÇÃO DE APRENDIZAGEM COMPLETE AS SEGUINTE FRASES:

1. Toda oração deve ser feita em nome de.....
2. Quando oramos estamos falando com.....

FALSO X VERDADEIRO

(Coloque F ou V conforme a frase)

- A oração deve ser feita com respeito.
- Podemos orar somente na igreja.
- Deus escuta todas as orações.
- Deve-se orar pelo menos uma vez por mês.
- A fé é necessária para Deus responder as orações.
- Somente os adultos e os idosos é que podem orar.

A ORAÇÃO MODELO DE JESUS

Pai nosso, que estás nos céus,
Santificado seja o Teu nome;
Venha o Teu reino;
Faça-se a Tua vontade,
Assim na terra como no Céu;
O pão nosso de cada dia dá-nos hoje;
E perdoa-nos as nossas dívidas,
Assim como nós temos perdoado
Aos nossos devedores;
E não nos deixes cair em tentação;
Mas livra-nos do mal
Pois Teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

Mateus 6:9-13

MEU APRENDIZADO

Hoje eu aprendi que é possível falar com Deus através da oração.

MINHA DECISÃO

Quero cada dia me comunicar com Deus através da oração.



EDUCAÇÃO
ADVENTISTA

Assinatura _____

Data ____/____/____

© By M. Sarquiz



Educando com *Esperança*

Obediência aos Pais

A relação familiar entre pais e filhos é considerada por Deus como algo especial e superimportante, pois criou um mandamento na sua lei para tratar sobre ela. O mandamento diz: “Honra teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias sobre a terra”. Êxodo 20:12



PARA COMPLETAR E REFLETIR

1. Jesus Cristo, nosso Salvador, quando jovem era obediente aos pais? Lucas 2:51

“E desceu (Jesus) com eles (seus pais) para Nazaré; e era-lhes

2. O que significa a palavra “OBEDECER” aos pais de acordo com a Escritura Sagrada:

- a) Prov. 1:8 - Filho meu,.....o ensino de teu pai e (...);
- b) Prov. 4:10 - Ouve, filho meu e.....as minhas palavras (...);
- c) Prov. 5:1 - Filho meu,.....a minha sabedoria (...);

- d) Prov. 7:1 - Filho meu,.....as minhas palavras (...);
 e) Efésios 6:1 - Filhos, obedecei a vossos pais....., pois isto é justo.

CONFIRMAÇÃO DE APRENDIZAGEM

CAÇA PALAVRAS

X	T	O	U	V	I	R	M	H	U	L	P	M	A	S	M	A	A	F	Z	B
H	W	D	R	A	S	E	A	C	E	I	T	A	R	W	Q	M	V	I	U	H
Y	S	A	S	F	G	I	L	A	T	E	R	I	N	S	A	I	R	L	P	S
G	U	A	R	D	A	R	L	L	A	M	U	G	E	Q	I	G	O	H	W	H
S	D	T	F	U	L	I	T	V	E	E	A	T	E	N	D	E	R	O	X	Y
Y	X	N	O	S	E	N	H	O	R	O	R	W	E	R	S	F	G	U	R	S
R	D	I	E	O	B	E	D	E	C	E	R	Z	X	B	F	R	A	S	S	X

FALSO OU VERDADEIRO

- () A minha obediência deve ser prestada igualmente tanto para o pai quanto para a mamãe;
 () Obedecer significa não atender e discordar das orientações e conselhos dos pais;
 () A expressão “obedecer vossos pais no Senhor”, constitui a única limitação imposta a um filho para obedecer a seus pais.

LIGUE - LIGUE

OBEIDIÊNCIA

- PAZ •
- TRISTEZA •
- MEDO •
- AMOR •
- ALEGRIA •
- PUNIÇÃO •
- TEMOR. •

DESOBEIDIÊNCIA

MEU APRENDIZADO

Hoje eu aprendi que ser obediente aos pais significa entender e atender as suas orientações estando perto ou longe deles, pois elas são para o meu próprio bem e salvação.

MINHA DECISÃO

A partir de hoje, seguirei atentamente as orientações dos meus pais!



Assinatura _____

Data ____/____/____

© By M. Sarquiz



Educando com
Esperança



O Cuidado com a Saúde

PARA RESPONDER E COMPLETAR

1. Como Deus criou o corpo humano? Salmos 139:113-114

.....
.....

2. Qual o desejo de Deus sobre o meu corpo? III João

.....

3. Para manter ou recuperar a saúde o que devo comer, beber e evitar?

- a) Gênesis 1:29 -
- b) Provérbios 20:1 -
- c) Mat. 27:34 -
- d) I Coríntios 10:31. “Portanto quer....., quer.....
ou fazeis....., fazei tudo para glória de Deus.”

4. Como a Bíblia chama o corpo humano e declara a quem ele pertence? | Coríntios 6:19-20

CONFIRMAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Faça um círculo em torno da ilustração que retrata uma escolha correta para uma boa saúde física, mental e espiritual.



CAÇA PALAVRAS

Encontre os sete remédios naturais que Deus criou: ar puro, luz solar, exercício físico, boa alimentação, água potável, descanso físico e mental e confiança em Deus.

D	E	S	C	A	N	S	O	F	I	S	I	C	O	E	M	E	N	T	A	L
L	I	J	I	O	L	L	B	H	J	Y	K	V	B	M	Q	U	I	L	R	L
U	K	Y	K	U	N	I	U	K	O	T	I	X	M	I	J	W	U	J	P	U
Z	L	A	E	X	E	R	C	I	C	I	O	F	I	S	I	C	O	I	U	Z
S	D	Ç	R	S	D	S	I	Y	G	B	N	W	Q	U	J	U	K	A	R	S
O	T	O	W	O	K	J	O	A	O	I	B	P	A	I	O	F	Q	Y	O	G
L	I	Q	P	L	S	U	E	D	M	E	A	Ç	N	A	I	F	N	O	C	L
A	G	U	A	P	O	T	A	V	E	L	H	J	J	L	D	W	R	Q	L	A
R	Q	R	G	R	F	I	R	T	S	Z	E	L	W	E	N	V	N	R	H	D
T	R	U	B	O	A	A	L	I	M	E	N	T	A	Ç	A	O	T	F	U	L

MEU APRENDIZADO

Apreendi que Deus se preocupa com a minha saúde física, mental e espiritual. E que deixou registrado em Sua Palavra recomendações para que eu possa me orientar.

MINHA DECISÃO

Decidi hoje, com apoio de Deus, comer, beber e praticar somente aquilo que Ele aprova.



Assinatura _____

Data ____/____/____

© By M. Sarquiz



Educando com *Esperança*

A Honestidade



Quem cumpre com a palavra e procede de forma honesta com os seus familiares, amigos e professores pode-se dizer que possui a virtude da honestidade.

PARA REFLETIR E RESPONDER

1. O relato bíblico apresenta José (do Egito) como um personagem que viveu de forma honesta diante dos homens e de Deus. O relato narra as muitas virtudes de José:

- a) “O Senhor era com José, que veio a ser _____”
Gên. 39:2
- b) “(...) ninguém há tão _____ e _____ como tu.” Gên. 41:39

2. Para ser um jovem honesto como José do Egito, o que devo fazer e viver?

- a) Efésios 4:25 _____;

- b) Êxodo 23:8 _____ ;
 c) Deuteronômio 25:13-16 _____ ;
 d) Levíticos 19:11-18 _____ ;
 e) Salmos 15:1-5 _____ .

3. Conforme afirma a Palavra de Deus, quem será o maior beneficiado em agir honestamente? Que regra é esta. Gálatas 6:7

4. Em resumo a todas as ações de justiça, Jesus disse uma regra de ouro que devo seguir: Lucas 6:31

CONFIRMAÇÃO DA APRENDIZAGEM FALSO X VERDADEIRO

- () Devo amar e respeitar somente aquelas pessoas que conheço.
 () A corrupção está estabelecida em nossa sociedade de um modo geral e deve ser considerada e tratada como algo normal e natural.
 () Quando pratico a justiça e faço o que é correto, sou grandemente abençoado por Deus com sabedoria e prosperidade.
 () Quando pratico a “cola” durante uma avaliação na escola estou sendo desonesto com o professor, colegas e comigo mesmo.

DESCUBRA

Assinale ao lado de cada palavra o antônimo correspondente que retrata a característica positiva de um jovem cristão e honesto.

- | | | | | | |
|-------------|----------------------|-------------|--------------|----------------------|-------------|
| 1. Egoísta | <input type="text"/> | (09 letras) | 5. Rude | <input type="text"/> | (06 letras) |
| 2. Corrupto | <input type="text"/> | (07 letras) | 6. Injusto | <input type="text"/> | (05 letras) |
| 3. Fingido | <input type="text"/> | (10 letras) | 7. Estulto | <input type="text"/> | (05 letras) |
| 4. Infiel | <input type="text"/> | (04 letras) | 8. Mentiroso | <input type="text"/> | (05 letras) |

MEU APRENDIZADO

Esta lição me ensinou que a mentira, a traição e a injustiça em todos os casos, são mais prejudiciais para mim mesmo do que serão para os outros.

MINHA DECISÃO

Agirei de forma honesta com os outros e comigo mesmo.



_____ Assinatura

Data ____/____/____

© By M. Sarquiz



Educando com *Esperança*

A Solidariedade, o Cuidado e o Amor Cristão



PARA RESPONDER E REFLETIR

1. Quando se pratica a solidariedade e se faz bem ao próximo, a quem de fato se está fazendo? Mateus 25:40

2. Que sentimento deve mover a mão e o coração de uma pessoa em ajudar alguém? Mat. 22:39

3. Em que boas ações o amor pode se manifestar e ser aceito por Deus? Descubra algumas delas:

a) II Coríntios 9:7 _____

b) I João 3:17 _____

c) Tiago 1:27 _____

d) Isaías 58:6-8 _____

EDUCAÇÃO
ADVENTISTA

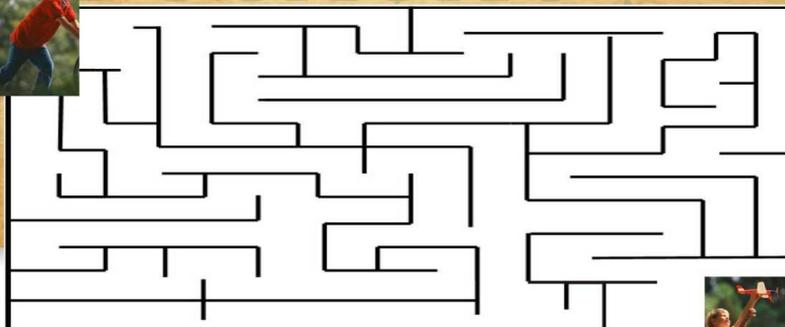
4. O cuidado, a solidariedade e o amor devem fazer parte do estilo de vida dos cristãos? João 13:35

CONFIRMAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Relacione e complete a segunda coluna em conformidade com a primeira:

- | | |
|---|---|
| 1 - Amar - dar (João 3:16) | () “(...) porque sem mim nada podeis _____.” |
| 2 - Distribuir - aproveitar (I Cor. 13:3) | () “E ainda que eu _____ todos os meus bens entre os pobres (...), se não tiver amor, nada disso me _____” |
| 3 - Não me Ama (João 14:24) | () “Porque Deus _____ o mundo de tal maneira que _____ o seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna.” |
| 4 - Fazer (João 15:5) | () “Quem _____ não guardar as minhas palavras.” |

LABIRINTO



MEU APRENDIZADO

Hoje eu aprendi que através do amor de Deus em meu coração, posso ajudar quem precisa de mim.

MINHA DECISÃO

A partir de hoje serei solidário.



_____ Data ____/____/____

Assinatura

© By M. Sarquiz